

CYNTHIA REGINA PEMBERTON CANCISSU

***LÉSBICAS, FAMÍLIA DE ORIGEM E FAMÍLIA ESCOLHIDA:
UM ESTUDO DE CASO***

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

São Paulo – 2007

CYNTHIA REGINA PEMBERTON CANCISSU

***LÉSBICAS, FAMÍLIA DE ORIGEM E FAMÍLIA ESCOLHIDA:
UM ESTUDO DE CASO***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de MESTRE em Psicologia Clínica,
sob orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla
de Souza.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

São Paulo – 2007

Cancissu, Cynthia Regina Pemberton.

Lésbicas, família de origem e família escolhida: Um estudo de caso
90pgs.

Dissertação (Mestrado) São Paulo. 2007. Pontifícia Universidade católica de São Paulo.

"Lesbians, family of origin and family of choice: a case study"

Lesbianismo, Família de origem, Família escolhida, rede de apoio, homossexualidade feminina.

Banca examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:

Local e data:

cycancissu@hotmail.com

Para todas as mulheres que lutam por seus
desejos e sonhos;
Para minha família, porque sem eles nunca
teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

À CAPES e CNPq pelo apoio financeiro para que a pesquisa fosse realizada.

À Rosane, minha orientadora, acima de tudo um exemplo e uma referência, pelo cuidado e direção tão preciosos, não apenas para a concretização deste trabalho, mas também para minha formação como profissional e como pessoa.

Ao Sidney, muito obrigada pela paciência e apoio, e por estar sempre ao meu lado; à Sophie por toda a compreensão de seus 4 anos, e por ter deixado, mesmo sobre protestos, a mamãe trabalhar!

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, pela ajuda, apoio e cuidado, sem os quais eu não teria sequer iniciado esta dissertação. Mãe, palavra alguma seria suficiente para expressar minha gratidão por TUDO.

Ao meu irmão, pelo exemplo.

À Rosina, pela ajuda, cuidado e incentivo.

Ao mestre e amigo Antonio Carlos, obrigada pelo apoio e amizade.

E à minha família escolhida, construída ao longo dos anos e “aumentada” nestes três anos de mestrado. Kel, amiga de tantos anos e pra todas as horas, Rogéria e Terezinha, exemplos; Ju, amiga de mestrado, suor e lágrimas!

RESUMO

O presente estudo discute a rede de relacionamento lésbico, a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relacionamentos. Para chegar a uma possível compreensão deste fenômeno, realizou-se uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso e entrevista semi-estruturada. O caso escolhido para o estudo foi o de uma mulher homossexual assumida, com mais de 30 anos de idade e com a vivência de mais de um relacionamento amoroso homossexual significativo. No estudo, foram abordados elementos vinculados à aceitação da própria homossexualidade, processo do assumir-se, especialmente para a família de origem, a relação com esta e a construção de novos relacionamentos, destacando-se o relacionamento com a comunidade lésbica. A pesquisa evidenciou a dificuldade vivida para se aceitar como homossexual, bem como assumir-se para a família de origem. Diante da reação desta, a participante sai em busca de uma rede que a apóie, e a encontra na comunidade lésbica; Desde então, passa a construir novos relacionamentos, amizades, relacionamentos amorosos e relacionamentos com ex-parceiras, que vão compor sua nova família. Ao mesmo tempo, a relação com sua família de origem passa por diversas mudanças até a aceitação total de sua homossexualidade. Finalmente, rede de relacionamentos e família de origem unem-se para formar uma família escolhida que reflete uma rede complexa de relacionamentos.

Palavras-chave: lésbicas, família de origem, rede de relacionamentos e família escolhida.

ABSTRACT

This study discusses the lesbian relational net, the presence of a family of choice and how these relationships are built. To better understand this phenomenon a qualitative research was made with a case study and a semi-structured interview. The person whose case was used was a homosexual woman, out of the closet, older than 30 and who had lived more than one important homosexual romantic relationship. The study also discusses matters as the construction of the homosexual identity, the process of coming out, especially for the family of origin, the relationship between the homosexual and his family of origin and the construction of new relationships, specially the ones within the lesbian community. This study demonstrated the difficulties the individual lives when facing its own homosexuality and the distress she has when coming out for her family of origin. The family's reactions leads the participant in a search for a supporting net, found in the lesbian community. Since then, she starts the construction of a new set of relationships, friendships, romantic and ex-lovers relations that together will form her family of choice. At the same time, the relationship with her family of origin passes through several changes until full acceptance of her homosexuality. Finally, these relational net and the family of origin are blended to form her family of choice that reflects the complexity of these relationships.

Keywords: Lesbians, Family of origin, relational net and family of choice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HOMOSSEXUALIDADE	18
2 HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA DE ORIGEM	35
3 HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E PADRÕES RELACIONAIS	45
3.1 A CONJUGALIDADE EM CASAIS LÉSBICOS.....	47
3.2 A REDE DE AMIZADES	50
4 MÉTODO.....	55
5 RESULTADOS	61
5.1 PERCEPÇÃO DO DESEJO HOMOERÓTICO	62
5.2 RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM	64
5.3 RELACIONAMENTO AMOROSO.....	67
5.4 REDE: RELAÇÃO COM AMIGAS E EX-PARCEIRAS	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Pesquisar a população homossexual é algo relativamente recente na psicologia, e mais ainda o que se refere à homossexualidade feminina. Como terapeuta de família, dentre tantas questões ainda em aberto, desejo estudar a relação das mulheres homossexuais com sua família de origem e rede de relacionamento, tendo em vista a compreensão da importância destes apoios no desenvolvimento da saúde mental e qualidade de vida dos indivíduos.

Independente do período do ciclo vital individual, o relacionamento familiar possui importante papel na vida do ser humano, garantindo seu senso de pertinência e ao mesmo tempo de diferenciação. Ser homossexual, então estabelece desafios específicos não só para o próprio indivíduo, como também para sua família e rede social próxima.

Apesar de se viver em uma época de maior liberdade sexual, os homossexuais enfrentam preconceitos e exclusão social e maior probabilidade de violência (FOX, 1995). Em 1989 (OSWALD, BLUME e MARKS, 2005), a literatura científica cunhou o termo heteronormatividade para referir-se à ideologia que promove uma perspectiva convencional das relações de gênero e da heterossexualidade, assim como uma visão tradicionalista da família, como a maneira correta das pessoas viverem. Segundo Oswald, Blume e Marks (2005), ser heterossexual é uma característica considerada intrínseca ao humano, relativa ao sexo biológico. Por consequência, ser heterossexual é fazer parte do grupo universal, generalizável e, assim, privilegiado. Não há necessidade de justificativas, explicações, políticas sociais e de inclusão. Não existem questões a serem enfrentadas, discutidas e trabalhadas com a família, escola, ambiente de trabalho e sociedade.

É necessário diferenciar alguns conceitos. O ser humano nasce homem ou mulher, definido por seu sexo biológico, e é educado no gênero – constructos sociais sobre o masculino e feminino – teoricamente correspondente a seu sexo. Os papéis de gênero são os comportamentos socialmente considerados adequados a cada sexo; é o gênero manifesto no dinamismo social. Na construção de uma identidade de gênero o indivíduo deve definir o papel que deseja ter na sociedade e de que forma seguirá os estereótipos de papéis sexuais. A identidade de gênero se refere à correspondência do referencial interno do indivíduo ao próprio corpo. Neste processo define-se também uma orientação sexual, que diz respeito ao interesse ou atração sexual. O termo orientação sexual é usado em substituição ao termo preferência sexual, este último um termo histórico cunhado em contraposição ao conceito de perversão. Deste modo, a identidade sexual é a autopercepção da própria orientação sexual, ou seja, a direção do desejo erótico, seja este heterossexual, homossexual, bissexual ou não-sexual.

Afirmar-se como homossexual, assim, é desafiar o preconceito, submeter-se implica em perda de auto-estima. Segundo informações viabilizadas por Carrara e Ramos (2005) e relativa a informações obtidas na Parada Gay da cidade do Rio de Janeiro em 2004, 64,8% dos entrevistados relatam ter sido discriminados mais de uma vez nos mais diferentes ambientes, sendo a violência verbal o evento mais relatado por todos (55,4%). A rede próxima (pais, irmãos, colegas, parceiros) responde por 53% dos casos de violência física, sendo que a própria casa é o local de maior ameaça aos homossexuais, principalmente às lésbicas (20,3%).

A expressão **sair do armário** (ou assumir-se) será usada como um conceito relacional. É o posicionamento que o indivíduo homossexual toma em relação à sociedade, um movimento político. Neste está implícito o processo de negociação

constante do indivíduo sobre a exposição de sua própria sexualidade. Já o termo **aceitar-se** se refere ao processo interno no qual o indivíduo percebe-se e lida com sua homossexualidade.

De fato, os homossexuais são o único grupo minoritário horizontal, isto é, não se inicia na infância, e cujo status pode ser opcional, gerando a necessidade de aceitar sua orientação sexual, bem como do **sair do armário**, ou seja, revelá-la em alguma medida (SAVIN-WILLIANS e DIAMOND, 1999), processo que tende a se iniciar na adolescência, mas que pode ocorrer ao longo de todo o ciclo vital. No entanto, mesmo após este processo, o indivíduo homossexual deve avaliar diariamente a quem, como e onde deve revelar-se como homossexual, sabendo dos custos que a heteronormatividade e homofobia trazem frente a esta revelação.

Segundo Roth (1991), muitas mulheres sentem-se como que vivendo uma vida dupla, ou falsa, por terem de manter segredo de sua sexualidade para a própria família e colegas de trabalho. Manter tal segredo muitas vezes acompanha sentimentos de culpa e vergonha.

Green (2000) e Savin-Willians (1996) apontam que, ao se assumir como homossexual perante a família de origem, esta tende a reagir de quatro maneiras: a princípio rejeita a notícia e o jovem, para depois aceitá-lo; ou rejeita-o e o exclui da família; ou aceita a homossexualidade, mas não a quer “ver”; e, por último, há famílias que aceitam, inclusive o parceiro.

Qual a reação familiar diante da homossexualidade de um de seus membros é sempre algo imprevisível, assim como o tempo e a maneira como cada indivíduo reage: fatores como tipo de relacionamento prévio, contexto sociocultural, tradição religiosa, dentre outros, exercem importante influência (SCHLAGER, 1998). Em artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, no dia 15 de outubro de 2006,

Edith Modesto, autora do livro “Abrindo o armário” relata como mãe sua luta para aceitar a “opção homossexual”¹ de seu filho, os sentimentos de culpa, confusão, vergonha, hostilidade e outros; e o processo no qual descreve ter “saído do armário”, assumindo-se perante a sociedade como mãe de um indivíduo homossexual. Este caso ilustra claramente como, não apenas o indivíduo, mas toda a família enfrenta o preconceito, e também o preconceito internalizado, e a decisão de posicionar-se, sair do armário, ou lidar negando, fingindo não saber ou mantendo segredo diante da família extensa e amigos.

Para muitas lésbicas, a orientação sexual é mais uma questão de afetividade do que biológica (MARVIN e MILLER, 2002).

Para Ryan (2001), mais importante do que a reação inicial é o modo com que a família lida, e como o indivíduo lida com essa: alguns são excluídos da família, enquanto outros se afastam, fazem grandes sacrifícios pessoais, decidem por manter sua identidade em segredo, e outros ainda concordam em não falar a respeito, “isto nunca aconteceu” – tratando o assunto como um segredo familiar.

Como consequência, o apoio emocional que esta família é capaz de oferecer ao membro homossexual é menor do que aquele oferecido aos membros heterossexuais; e muitos homossexuais, conscientes desta dificuldade, acabam por optar não procurar a família quando em busca de apoio ou, ainda, manterem-se afastados emocional ou fisicamente (RITTER e TERNDRUP, 2001).

Green (2000) e Schalger (1998) relatam que a grande maioria dos casais gays e lésbicos possui como rede de apoio primária não sua família biológica, mas

¹ Embora nesta dissertação não se concorde que a homossexualidade ou o homoerotismo seja uma opção do indivíduo, preserva-se o termo usado no texto original de Edith Modesto.

uma **família de escolha**, ou seja, uma família extendida derivada principalmente de suas redes de amizade.

Uma família de escolha é usualmente composta por uma mistura de amigos, amantes, ex-amantes e parentes sanguíneos (WEINSTOCK e ROTHBLUM, 1996). Muitos homossexuais redefinem seu conceito de família para incluir nela tanto amigos como parentes. Muitas destas famílias de escolha desempenham o mesmo papel que a família de origem ou extensa.

Para muitos homossexuais, a família de escolha possui maior importância do que a família de origem, que muitas vezes não se interessa, ou se mostra incapaz de oferecer apoio, freqüentemente redundando no afastamento abrupto ou gradual da mesma. Como citado no trabalho de Schalger (1998, p. 130), na fala de Michael Rowe, escritor, comentarista e homossexual

"Fiz de irmãos meus dois mais antigos amigos. Não estou seguro onde a linha entre amizade e irmandade é desenhada e se cruza, mas tem a ver com confiança e tempo. ...Eu e Barney somos homossexuais. Chris é heterossexual do tipo machão. Ele e sua parceira, Claire, possuem um pequeno perfeito milagre: um pequeno menino chamado Alex....Alex é a próxima geração da minha família, mas antes dele éramos apenas nós três."

Uma rede social, em suas funções de apoio e troca, oferece confirmações que legitimam o indivíduo como pertencente àquele sistema. Espinoza (2004) enfatiza que, em toda América Latina, o movimento lésbico encontra-se vinculado ao movimento feminista, em grande parte devido à necessidade de ser parte de um grupo legítimo, e mesmo na construção de uma identidade lésbica, frente à discriminação.

Os primeiros trabalhos sobre redes enfatizavam apenas a família de origem. Relações significativas eram limitadas aos relacionamentos familiares, o que vem sendo contestado à medida que outras pessoas podem ser muito ou mais

importantes e significativas que os parentes. Sluzki (1997) fala sobre uma rede social pessoal, ou seja, a rede de pessoas significativas para o indivíduo.

É importante que o indivíduo possa pertencer e ao mesmo tempo se diferenciar na relação com sua rede. Deste modo, pode escolher os próprios caminhos e ter sua visão validada pela rede, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e a afirmação da própria identidade.

Sluzki (1997, p. 67) afirma que:

"existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege a pessoa contra doenças, atua como agente de ajuda e encaminhamento, afeta a pertinência e a rapidez da utilização de serviços de saúde, acelera os processos de cura, e aumenta a sobrevida, ou seja, é geradora de saúde."

Segundo Gonsiorek (1995), a população homossexual apresenta maior risco de problemas de saúde mental do que a população em geral, como consequência do grande número de fontes de estresse que enfrentam no cotidiano. Neste contexto, uma rede social positiva parece ser ainda mais importante, visto que permite pedidos de ajuda entre seus membros, a crença na capacidade de ajuda mútua, relações satisfatórias quantitativas e qualitativas, disponibilidade, empatia, compatibilidade de visão entre a rede e o indivíduo que solicita a ajuda e disponibilidade de recursos.

A despeito desta importância, a revisão de literatura no Brasil não identificou o uso deste conceito (família escolhida) ou a evidência do processo subjacente. Em vista disso, **o objetivo** do presente trabalho é buscar compreender se a rede de relacionamentos lésbico de fato comporta a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relações.

Para Bronfenbrenner (SHAFFER, 2005), o ser humano encontra-se em constante desenvolvimento, inserido em diferentes sistemas ambientais; cada um

destes sistemas interage com outros e com o indivíduo, de modo a influenciar seu desenvolvimento e decisões de modo significativo.

O indivíduo está inserido em um microsistema, seu ambiente imediato (incluindo relações, papéis e atividades); a seguir estaria o mesosistema, segunda camada ambiental, formada pelas interações entre os ambientes imediatos de um indivíduo (família, pares, igreja, trabalho); o exosistema é formado pelos sistemas em que o indivíduo não participa ativamente, mas que ainda assim pode influenciar seu desenvolvimento, como a comunidade religiosa dos pais, que em muito influencia a reação que estes têm frente à homossexualidade de seus filhos. E por último o macrosistema, formado pela ideologia geral, leis e costumes, subculturas e classes sociais – no caso da homossexualidade encontram-se aqui a homofobia e a heteronormatividade.

A teoria dos sistemas ecológicos de Bronfenbrenner permite um olhar mais amplo sobre o ser homossexual na atualidade, considerando a homossexualidade que é vista, hoje, como fruto de um movimento histórico, com suas características sociais e individuais, suas particularidades no desenvolvimento do indivíduo e o contexto no qual este se encontra, seja em seu ambiente imediato, seja inserido em sua cultura, com suas ideologias dominantes, preconceitos e particularidades.

No mesosistema estariam as pessoas mais significativas para o indivíduo, não apenas sua família nuclear ou extensa, mas todo vínculo interpessoal importante, sejam estes familiares, amigos, colegas de trabalho, de estudo, ou outros – ou seja, sua rede social.

Pensando ecologicamente os sistemas, os capítulos foram organizados de modo que fosse considerado desde o ambiente mais imediato até aspectos do ambiente mais amplo da mulher homossexual. Assim, o primeiro capítulo traz um

histórico da homossexualidade e apresenta o aceitar-se e o sair do armário como movimentos individuais; o capítulo dois trata da família de origem e da família extensa seguido por um capítulo que tratará das redes mais amplas, em especial as amizades e relacionamentos amorosos. Seguem-se os capítulos do método, resultados e considerações finais.

1 HOMOSSEXUALIDADE

Para Espinoza (2004), a identidade lésbica na América Latina não pode ser discutida de maneira desvinculada do movimento lésbico e este está historicamente vinculado ao movimento feminista. Diante deste quadro, acredito ser importante compreender um pouco o caminho da luta homossexual para melhor compreensão das implicações do que é ser homossexual na atualidade.

Humberto Rodrigues, em seu livro “O amor entre iguais” (2004) relata sua dificuldade para obter informações sobre as mulheres homossexuais nos diferentes períodos históricos, refletindo que talvez isso ocorra porque a história humana tenha sido escrita por homens, ou porque as mulheres sejam mais discretas em seus comportamentos sexuais, ou ainda porque a discriminação ao lesbianismo seja maior – e talvez a soma destes e outros fatores.

A origem da palavra lesbianismo vem da musa da poetisa grega, Safo, exilada por duas vezes na ilha de Lesbos, hoje Mitileno, no Mar Egeu. Ali, ela teria fundado uma escola para meninas e não raro apaixonava-se por uma de suas alunas, louvando o amor lésbico com intensidade e sensualidade. O termo lésbica é usado como sinônimo de tribadismo, de origem grega, que significa o roçar de duas genitálias femininas. Foi usado pela primeira vez como sinônimo de homossexualidade feminina em 1842, na França (RODRIGUES, 2004).

Ao longo da história humana, a sexualidade adquiriu vários significados em diferentes culturas. A clandestinidade da prática homossexual vem ocorrer associada à ascensão da igreja católica, quando, então, essa prática é condenada e punida com a morte, corroborando para a visão de que o sexo, mais do que uma forma de obter prazer e se reproduzir, se vincula com a verdade; sendo que no sexo está a verdade de cada um (FOUCAULT, 1988). Desde então a homossexualidade passou a ser associada ao pecado e a adquirir características pejorativas, até que,

na idade média passa a ser o oposto à heterossexualidade, o anormal como oposto do natural. (ARIÈS, 1983).

O Brasil foi descoberto sob esta visão de mundo, e a presença e importância das ordens católicas na colonização brasileira reforçaram ainda mais tais noções. No livro “Devassos no Paraíso”, Trevisan (2002) relata com base em documentos históricos o comportamento homossexual vivido de modo natural por diversas tribos indígenas no Brasil e observado pelos colonos portugueses no século XVI.

Para controlar a população de sua colônia, o Tribunal da Santa Inquisição foi trazido ao Brasil, mas a ação deste, segundo Trevisan (2002), é pouco conhecida. Admite-se que a primeira visita tenha acontecido em 1591, na Bahia, e há textos originais da Inquisição relatando diversas pessoas punidas por manterem práticas homossexuais.

Com a revolução industrial, surgiu sobre a população norte americana o pensamento que valorizava a família e os filhos (BADINTER, 1985), especialmente devido à necessidade do aumento da força de trabalho e produção. Segundo Costa (1983), no Brasil, a entrada da ideologia higienista levou os homossexuais a serem vistos como assassinos do corpo e do bem-estar biológico-social.

Através da história vê-se que, primeiro a homossexualidade foi considerada pecado, então, crime e, finalmente, na segunda metade do século XIX (SPENCER, 1996), o Ocidente a caracterizou como uma inadequação médica e disfunção psicológica. A científicidade passou a ter o conhecimento e controle da mesma até que diferentes movimentos políticos levaram à concepção de orientações sexuais diversas (homossexualidade, heterosexualidade, bissexualidade e não-sexualidade).

A luta pelos direitos dos homossexuais passou por diferentes etapas ao redor do mundo. Nos Estados Unidos, no final dos anos 40 e anos 50, os movimentos gays juntavam-se aos negros e brancos das classes trabalhadoras, e reforçavam a crescente visibilidade do movimento gay. Nesse período ocorreram as primeiras manifestações públicas, em Chicago e Nova York, com cerca de 3000 pessoas em cada, visando o reconhecimento da homossexualidade como opção, enquanto status, e não doença.

Segundo Schalger (1998), a II Guerra Mundial trouxe como consequência a possibilidade de formação de novos grupos homossexuais norte-americanos. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, muitas puderam pela primeira vez “sair de casa”, o que lhes proporcionou aproximações mais íntimas com pessoas do mesmo sexo e permitiu maior possibilidade de encontro entre lésbicas e bissexuais em um ambiente não considerado “negativo” ou ainda socialmente estigmatizado.

Neste período, grupos homossexuais se reuniam em bares, restaurantes e outros estabelecimentos nas cidades, particularmente as cidades da costa americana, perto dos centros militares. E mesmo após a Guerra, muitos homossexuais continuaram a morar nestas cidades, de modo a viver livremente sua homossexualidade. Como grande parte da sociedade considerava as lésbicas como doentes, pecadoras ou ainda criminosas, essas, em sua busca por espaço, formaram subculturas, onde buscavam construir conceitos auto-affirmativos longe da crítica social. Tais subculturas ainda tinham a função de promover contatos sociais e性uais, e eram divididos por raça, classe social e idade.

As características das lésbicas, nesta época, eram basicamente de dois tipos: as pouco femininas e mais masculinas e as femininas. As mais masculinizadas tinham cabelos curtos, usavam roupas de homens e eram sexualmente agressivas. As

femininas tinham cabelos longos, usavam roupas de mulheres, cosméticos e eram sexualmente passivas. Para algumas, estas características eram parte de sua identidade, enquanto que outras apenas assumiam determinada postura para poder se encaixar em alguma subcultura.

No período da guerra fria, em parte como reflexo da política de conformismo sexual, e em parte como consequência das mudanças nos papéis de gênero, a homossexualidade foi extremamente atacada, inclusive associada a crimes sexuais e ao comunismo. A imprensa começou a ressaltar casos de abusos sexuais praticados por homens contra meninos, mesmo quando a maior parte dos crimes sexuais fossem praticados por heterossexuais. Nessa fase a imagem dos homossexuais era a de pessoas sexualmente pervertidas e degeneradas. Como resultado, pessoas homossexuais ou suspeitas de o serem, e que ocupavam cargos governamentais, foram dispensados de seus empregos, assim como aqueles em exercício nas forças armadas.

Em 1948 e 1953 o sexólogo John Kinsey lançou a discussão da sexualidade para o discurso público, como consequência da publicação de uma série de estudos sobre a sexualidade humana. O impacto destes trabalhos foi tal na sociedade americana que a levou a uma reavaliação de como as pessoas se viam na esfera sexual. As publicações de Kinsey tiveram como base entrevistas com 18.000 pessoas e mudaram o modo como as pessoas passaram a ver as relações homossexuais, algo considerado por Kinsey mais comum do que se esperava – em função do grande preconceito vinculado ao tema, com 50% dos entrevistados homens e 28% das mulheres relatando terem tido atração por pessoas do mesmo sexo em algum período de suas vidas.

E tão importante quanto a discussão e reavaliação social relacionada à

sexualidade, os **estudos Kinsey**, como ficaram conhecidos, permitiram que lésbicas e gays vissem que não estavam sós em seus desejos, pois um especialista não os considerava pecadores, doentes ou criminosos: estavam “dentro” da sexualidade humana.

Ainda em 1950 surgiu em São Francisco o primeiro bar para lésbicas de classe média, o “*Daughters of Bilitis*” batizado em função da música “*Song of Bilitis*”, de Pierre Louys, que fala de uma poetisa lésbica que dizia viver na ilha de Lesbos, na Grécia antiga, com Safo. O clube possuía caráter político e pregava o respeito ao *establishment* para aplacar a imagem negativa da homossexualidade.

Com a falta de informações sobre lésbicas, surge nesse filão o jornal “*The Ladder*”: uma revista com reportagens diversas e com imagens de homossexuais em conformidade aos padrões sociais vigentes oferecendo melhor imagem destas e dando voz às lésbicas, permitindo-lhes descrever as suas experiências, ajudando-as na construção de comunidades com identidades lésbicas próprias.

O início dos anos 60 caracteriza-se por um período de maior exploração e curiosidade sobre os relacionamentos homossexuais. Milhares de romances populares que tratavam “a verdade” sobre a vida lésbica eram encontrados em bancas, supermercados e farmácias.

Em meados dos anos 60 o movimento em prol da homossexualidade começou a mudar sua estratégia política. Surgiu a demanda por direitos entre gays e lésbicas em lugar de apenas simpatia e compreensão. O modelo de doença é rejeitado e busca-se o direito ao protesto. Surgem então militantes que divergem dos acomodacionistas, especialmente no que diz respeito à questão da homossexualidade como doença mental.

A sociedade dos direitos humanos foi criada em 1964 e tornou-se a maior organização de gays, lésbicas e bissexuais dos Estados Unidos. Novas coalizões foram formadas e muitos conceitos questionados. Deste modo, em 1966, mudanças começam a ocorrer, como a coalizão contra o fechamento de bares Lésbicos e gays, a solicitação para a mudança de modelo de doença ligado à identidade homossexual, ameaças da polícia e do governo, e ainda a exclusão dos homossexuais em empregos, imigração e no serviço militar.

Ainda em 1966, a Inglaterra promulgou a lei que consentia comportamentos homossexuais mutuamente consentidos, desde que em caráter privado. Mas foram apenas com os ideais da contracultura que se iniciou uma mudança de pensamento no sentido da descriminalização. Surgiu a Frente de Libertação Gay (FLG), fundada na Londres de 1970, que era uma organização revolucionária a qual unia pessoas que queriam falar abertamente de sua condição homo e que reivindicavam o fim da discriminação e opressão.

Nos anos 70, o principal objetivo do movimento homossexual nos Estados Unidos era mudar a sociedade: não se integrar a esta ou reformá-la. Os líderes do movimento buscavam questionar a identidade sexual e de gênero tradicional em identidade não opressiva. Parte das idéias centrais do movimento nessa fase está o **sair do armário**, ou assumir-se como homossexual – não apenas para outros homossexuais, mas para toda a família, amigos e conhecidos e como um ato político.

Em 1973, em função do protesto dos ativistas, a homossexualidade foi retirada do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), quando a identidade homossexual passa a ser reconhecida como normal e saudável, o que contribuiu para o fortalecimento da auto-imagem de gays e lésbicas. Ainda nos

Estados Unidos, em 1985 a American Psychological Association (APA) funda a “divisão 44”, para representar os temas de orientação sexual dentro e fora da associação. Esta tem por objetivo promover a educação de psicólogos e públicos em geral, acerca das questões enfrentadas por GLB e também informar sobre pesquisas, atividades educacionais e serviços relevantes para GLB.

Entre 1960 e 1970, nos Estados Unidos, houve vários movimentos sociais pela busca de direitos civis, dentre eles os movimentos em prol das mulheres lésbicas e bissexuais. Quando o movimento feminista começa a considerar a questão da homossexualidade, estas mulheres encontram espaço nesse movimento e deixam os movimentos com os quais vinham se identificando anteriormente, unindo o movimento homossexual feminino ao movimento feminista.

O movimento feminista foi importante, pois abarcou as questões gays e lésbicas. Apesar de resistências iniciais, após um período foi criada nos EUA a “National Organization for women (NOW)”, que significa: Organização Nacional para as Mulheres, e que reconheceu a opressão às lésbicas como um tema de importância feminista. Em alguns círculos estas foram celebradas como ícones do ideal feminista pela independência total dos homens.

O aspecto central deste era a idéia de que as feministas lésbicas eram as mais recentes representantes dos movimentos feministas, pois eram independentes dos homens tanto econômica, social, psicológica e sexualmente. Além disso, elas resistiam à dominação masculina, e foram as primeiras a investirem seu amor e cuidado em outras mulheres. Os grupos de lésbicas radicais afirmavam que o ser lésbica não tratava apenas da identidade sexual de mulheres que amam pessoas do mesmo sexo, mas também de uma identidade política. Deste modo, a

heterossexualidade compulsória foi questionada como sendo uma forma de opressão dos homens sobre as mulheres.

Outro aspecto importante de atuação deste movimento foi o estabelecimento de comunidades voltadas a reforçar comportamentos feministas que incluíam a mudança da dominação masculina e ressaltavam valores de igualdade, espiritualidade, cooperação e finanças, além de abordarem questões de gênero. Os movimentos feministas lésbicos (“Nacionalismo lésbico”) começam a ter problemas e têm seu declínio no final dos anos 70.

No Brasil, segundo Green (2005), é nessa época que aparecem os primeiros movimentos homossexuais no final do período ditatorial e início da abertura política, com o primeiro grupo chamado “SOMOS” em 1978. Tornou-se então a primeira organização política duradoura de gays e lésbicas. O Grupo SOMOS de Afirmação Homossexual surge como Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais. Foi o primeiro grupo paulista de militância homossexual e objetivava ampliar a consciência individual sobre a homossexualidade, bem como a inserção social dos homossexuais.

Em 1978, surge o primeiro jornal homossexual “Lampião da Esquina”. Os movimentos que surgiam também procuravam se juntar aos dos negros e mulheres. Buscavam afirmar a identidade sexual ao mesmo tempo em que viviam conflitos internos de raça, gênero, políticos, ideológicos e de classes sociais, e que acabaram por enfraquecerem. Segundo Trevisan (2002), foi nessa época que surgiu a necessidade de união entre os homossexuais para troca de experiência e para fazerem seus direitos serem respeitados.

Desde fins dos anos 60, o reconhecimento social e jurídico das relações amorosas estáveis entre homossexuais gradativamente começa a ganhar espaço na

arena política no mundo ocidental. Ainda assim, apenas a partir de fins dos anos 80 adquiriu maior visibilidade social, apresentando os primeiros resultados favoráveis às demandas de gays e lésbicas, em países com larga tradição de respeito aos direitos humanos, em especial no norte europeu.

Os anos 80 caracterizam-se pelo surgimento da AIDS e pela luta homossexual pela dissociação da doença com a orientação sexual. No início da década de 80 é relatado o primeiro caso de AIDS. Como as primeiras vítimas nos Estados Unidos eram homossexuais, a doença foi nomeada “GRID : gays-related immune deficiency”: é feita uma relação entre a doença com a homossexualidade. Tal ligação, assim como aumentou o preconceito com os homossexuais, desencadeou os movimentos sociais pró-homossexualidade e fim do preconceito.

No Brasil, durante a década de 80, as respostas do governo à AIDS e à violência aos gays e travestis reanimou os movimentos homossexuais e bissexuais, que se reorganizaram após um período de enfraquecimento. Segundo Almeida Neto (2005), nesta década a AIDS também influenciou os movimentos brasileiros, vítimas iniciais da doença. Aquelas organizações que sobreviveram tiveram que inserir o tema da AIDS em seus assuntos, além de questões referentes à identidade, preconceito e direitos humanos. Em 1987 ocorre a primeira passeata de orgulho gay no Brasil.

Os esforços e participações destes movimentos atingiram a política brasileira em momentos importantes, tal como a retirada da homossexualidade do DSM e, em 2/2/1983, no reconhecimento pelo poder político e Conselho Federal de Medicina de que a homossexualidade não é uma doença.

Nos Estados Unidos, os anos 90 destacaram-se pelos **estudos Queer**, a produção de trabalhos acadêmicos, geralmente realizados por lésbicas, e em

especial em programas de estudos da mulher. São publicados livros sobre sexualidade, homossexualidade e sobre experiências gays que abriram caminho para que mais estudos sobre a homossexualidade fossem realizados e financiados. O rápido crescimento deste campo leva à sua denominação de queer studies, indicando a reflexão sobre a influência de uma nova teoria específica sobre gays, além da inclusão dos bissexuais e transexuais nestes discursos.

As teorias queer (OSWALD, BLUME e MARKS, 2005) examinam identidades múltiplas e socialmente construídas. Questionam a concepção homossexual unificada (ou seja, transcende a análise das desigualdades para o questionamento das próprias categorias). Problematizam as noções clássicas de sujeito, identidade, agenciamento e identificação e propõem estratégias desconstrutivas ao manifestarem a interdependência e a fragmentação dos binários homem-mulher, macho-fêmea, natural e antinatural, etc.

Atualmente existem diversos livros e editoras especializadas em queer studies, e os estudantes têm um campo maior e mais seguro para expor e debater suas pesquisas. Há universidade que oferecem núcleos de estudos específicos para queer studies.

No Brasil, atualmente existem 109 grupos homossexuais filiados à Associação de Gays, Lésbicas e transgêneros (AGLT) fundada em 1995. Neste mesmo ano Marta Suplicy apresentou o projeto de lei número 1.151 que “disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências”, apresentando-o na Câmara dos Deputados, e até hoje em andamento.

Mesmo à época da apresentação do Projeto, a conquista de estatuto jurídico para as relações amorosas estáveis entre gays e entre lésbicas não era consensualmente considerada a principal bandeira de luta do movimento

homossexual. Ao contrário, acreditava-se que a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 139/95, também de autoria da Deputada Marta Suplicy, que previa a proibição de discriminação por orientação sexual nos artigos 3º, IV, e 7º, XXX, da Constituição Federal - já reivindicada e não conquistada na Assembléia Nacional Constituinte de 1986-1988 e na Revisão Constitucional de 1993 - consistia na proposta de maior importância para os homossexuais brasileiros (ALMEIDA NETO, 1999).

Já no século XXI o Brasil conta com grupos como o Dignoite, que visa a prevenção, a educação e a formação de multiplicadores de informação. Hoje, a homossexualidade não é mais considerada como doença ou pecado para a grande maioria dos setores sociais, onde o conceito do “politicamente correto” encontra-se presente. Ainda assim é possível observar alguns segmentos sociais mantendo a mesma visão encontrada na Idade Média. E mesmo diante de tanta conquista, a população homossexual ainda enfrenta forte preconceito e oposição.

Oswald, Blume e Marks (2005) descrevem a heteronormatividade como um sistema moral implícito, um sistema social de privilégios, uma ideologia que promove a normatividade relativa ao gênero, à heterossexualidade e ao tradicionalismo familiar. Historicamente, a heteronormatividade surge como uma gama ampla de crenças culturais, regras, recompensas, privilégios e sanções que levavam as pessoas a reproduzirem a heterossexualidade e marginalizarem o diferente (ADAM, 1998). Ainda hoje esta permanece como uma ideologia singular, mantendo em suas bases questões de gênero, sexualidade e família.

O termo homofobia foi cunhado em 1971, em obra impressa, pelo psicólogo americano George Weinberg (WIKIPEDIA, 08 dezembro de 2006), combinando a palavra grega *phobos* (fobia), com o prefixo *homo*, como remissão à palavra

homossexual. Porém o emprego fobia aqui é diferente de seu significado amplamente aceito. Phobos (grego) é medo em geral. Fobia é um medo irracional (instintivo) de algo. Porém, o termo fobia é aqui empregado não só como medo geral (irracional ou não), mas também como aversão e ou repulsa. É muito importante notar que, ao contrário do que sugere o termo, a palavra homofobia (no sentido mais usado) não significa necessariamente o medo irracional pela homossexualidade, mas sua discriminação e repúdio em geral, qualquer que seja o motivo, ou seja, o preconceito voltado à homossexualidade e ao indivíduo homossexual, preconceito este que leva à discriminação, opressão e violência.

Apesar de as feministas terem discutido e desconstruído exaustivamente as noções do ser “homens de verdade” e “mulheres de verdade”, tais noções ainda hoje encontram-se presentes em diferentes contextos sociais, visíveis em colocações como “homem não chora” ou “isso não é coisa de menina!”.

As questões relativas à sexualidade definem a heterossexualidade como norma e patologizam outras formas de sexualidade. A família legalmente reconhecida é exaltada como a verdadeira família, enquanto outras constelações familiares são tidas como pseudofamílias.

Os estudos queer, já citados, desempenham aqui papel fundamental, por serem os primeiros a questionarem estes conceitos, desafiando-os teoricamente, e permitindo uma nova maneira de ver as questões de gênero, sexualidade e família como construções complexas (OSWALD, BLUME e MARKS, 2005).

A homofobia e a heteronormatividade muitas vezes são expressas de maneiras sutis, por exemplo, por meio da exclusão de parceiros homossexuais em planos de saúde, ou então com a não opção no preenchimento do status conjugal

em formulários para casais homossexuais cuja relação não é reconhecida legalmente.

O indivíduo homossexual, ao assumir-se como tal, deve lidar não apenas com a homofobia e heteronormatividade, mas também com a homofobia internalizada, caracterizada pela autodepreciação e até mesmo auto-sabotagem (GONSIOREK, J., 1995). Hancock (2000) enfatiza o impacto do assumir-se na identidade do indivíduo, e salienta que o sucesso deste processo dependerá da disposição emocional do indivíduo, assim como do tipo, qualidade e extensão de sua rede pessoal.

Assumir-se como homossexual é tarefa única das populações GLBT, e é um processo com duas etapas: a primeira, aceitar-se como homossexual, ou construir uma identidade de orientação homossexual – tarefa que exige uma série de processos internos, nos quais, o indivíduo se percebe, reconhece, para então definir uma identidade homossexual; e a segunda, assumir perante a família e sociedade esta identidade, ou sair do armário. Ambas as etapas existem concomitantemente, já que se assumir perante outros requer a definição constante do eu, assim como o desenvolvimento de uma identidade homossexual estimula o assumir-se publicamente (SAVIN-WILLIANS, 1996).

Quando se lê ou se escuta relatos de homossexuais sobre suas vidas e em especial sobre os momentos em que se assumiram, invariavelmente vê-se refletido em seus discursos seu entorno social, momento histórico e relacionamentos.

DeMonteflores e Schultz (1978) definem o assumir-se como um processo desenvolvimental mediante o qual, pessoas homossexuais reconhecem sua orientação sexual e integram este reconhecimento em suas vidas. E apesar do reconhecimento refletido nesta definição a respeito da importância da integração do

homoerotismo aos demais aspectos da identidade, pouco tem sido pesquisado e comentado sobre este aspecto.

Construir uma identidade homossexual é uma tarefa que normalmente ocorre na adolescência, ainda que muitos homossexuais relatem terem se sentido diferentes quando crianças, atraídos e mais próximos de amiguinhos do mesmo sexo (RYAN, C., 2001). Diversos problemas podem surgir quando o adolescente tenta lidar com o estigma relacionado à emergência de uma identidade homossexual, como confusão, dificuldades nos relacionamentos sociais, afastamento da família, depressão, abuso de substâncias e outros (GONSIOREK, 1995).

Para Savin-Williams (1996), assumir-se como homossexual, sair do armário, geralmente passa por um continuum: a autodenominação (aceitação), seguida pelo assumir-se para amigos homossexuais, depois para amigos heterossexuais mais próximos, membros familiares mais íntimos, pais e amigos. E é uma tarefa para toda a vida: o indivíduo homossexual diariamente deve avaliar se deve assumir-se para as pessoas com quem trabalha e convive, numa constante relação de custo-benefício.

Savin-Williams e Diamond (1999) salientam que, o perceber-se como homossexual para as mulheres possui particularidades próprias em relação ao se perceber para gays e bissexuais. Os autores propõem que o se perceber como homossexual - lésbica - pode não se estabelecer por completo na adolescência, fato comum em homens gays, e tampouco ser constante durante todo o ciclo vital: algumas mulheres passam por mudanças de identidade sexual no decorrer do tempo, por vezes de modo abrupto e imprevisível.

Schneider (2003) discute a existência de múltiplas trajetórias possíveis no desenvolvimento de uma identidade lésbica e, diferente de um processo desenvolvimental que se inicia no nascimento, este pode ser melhor conceitualizado como um fenômeno emergente, podendo ser ativado a qualquer momento da vida de uma mulher, em função de um conjunto particular de fatores ainda a serem identificados.

A autora sugere quatro padrões possíveis: o primeiro, para aquelas mulheres que sempre se consideraram lésbicas – ou seja, em seu desenvolvimento sexual sempre houve atração e interesse por pessoas do mesmo sexo. Em segundo estão aquelas mulheres que se descrevem como tendo sido heterossexuais durante parte de suas vidas, até que, na meia idade, se apaixonam por outra mulher e se tornam lésbicas.

Um terceiro grupo é formado por mulheres que descrevem uma experiência mais nebulosa. Durante a adolescência relatam ter vivido períodos de confusão e dúvida entre atrações por pessoas do mesmo sexo e pessoas do sexo oposto.

E o quarto grupo seria formado pelas mulheres que relatam terem vivido sua adolescência como que em suspenso: algumas sentiam que não se encaixavam, outras saiam com garotos com diferentes graus de entusiasmo, e outras relatam não terem percepção de qualquer desejo sexual.

Outro aspecto que diferencia o desenvolvimento de uma identidade lésbica do desenvolvimento de identidades gays é a importância das amizades para as mulheres. Discutir-se-á mais sobre o papel das amizades em capítulo posterior, mas cabe aqui salientar mais um aspecto que diferencia o processo do aceitar-se nas mulheres homossexuais, que é a presença de sentimentos afetivos em relação a pessoas do mesmo sexo, tipicamente no contexto de um relacionamento e vínculos

de amizade com uma pessoa em particular, não raro desvinculados de qualquer relacionamento sexual. A importância destes relacionamentos é identificado por muitas mulheres como sendo parte significativa no processo de sair do armário (SCHNEIDER, 2003).

2 HOMOSSEXUALIDADE E FAMÍLIA DE ORIGEM

Neste capítulo serão introduzidos conceitos relativos à família e à família na contemporaneidade. Os assuntos abordados aqui buscam entender a estrutura e dinâmica familiar bem como seu ciclo vital junto ao desenvolvimento de um ser humano inserido em uma cultura de valores e crenças, refletidas dentro das relações familiares.

Numa perspectiva sistêmica, a família é um sistema aberto, separado organizacionalmente de seu exterior por fronteiras próprias, e composta de subsistemas (conjugal, parental e filial) cujos limites possuem diferentes graus e são demarcados por uma realidade de acesso e privacidade, com diversas formas de hierarquia. Estes subsistemas dentro da família são organizados de diversas formas, seja idade, gênero, papéis, funções e outros.

A estrutura familiar é o conjunto de exigências funcionais invisíveis que serve como organizador na maneira pela qual seus membros interagem.

Minuchin (1982) desenvolveu uma teoria para melhor entender o funcionamento das famílias. Toda família possui fronteiras ou limites estruturais que determinam quem e como são parte desta, assim como as expressões de afeto entre seus membros e o grau de proximidade e distância dos mesmos no sistema familiar.

As fronteiras podem ser rígidas, nítidas e difusas e regem o modo como cada um irá se diferenciar ou não dentro do sistema familiar. Cada tipo de fronteira corresponde a um tipo de organização familiar.

Assim como o indivíduo, a família se desenvolve no tempo e passa por diferentes fases, com mudanças e novas situações às quais têm de se ajustar (CARTER e MCGOLDRICK, 2001). Por exemplo, o nascimento de cada filho requer

uma reorganização na dinâmica familiar, assim como a entrada destes na escola, na adolescência, e na vida adulta; é um sistema extremamente interativo e qualquer ocorrência com um de seus membros afeta todo o grupo.

A família encontra-se inserida em uma unidade social maior, em uma sociedade e em determinado tempo histórico. Desse modo, ocorrências de ordem econômica, social, sejam recessões, guerras, catástrofes ou outras, influenciam-na e à sua organização.

É importante também lembrar que as famílias sofrem alterações em seus conceitos no decorrer de sua própria história, pois se encontram em constante movimento assim como a sociedade na qual estão inseridas.

Para aqueles que estudam a família, é essencial pensar o sistema familiar nos dias de hoje. No Brasil, diversos estudiosos têm se preocupado com esta questão. Da Matta (1987) busca entender a família na cultura brasileira e conclui que o Brasil possui e transmite uma cultura familiarista, fato percebido de modo bastante claro nos discursos da sociedade.

Assim, o autor explica a família brasileira oriunda de uma cultura patriarcal familiarista, cuja maior característica é a valorização da família tradicional, ao mesmo tempo em que no discurso de alguns de seus membros são visíveis incongruências e discordâncias deste modelo: o que se fala nem sempre condiz com aquilo que se faz. Por meio destas observações é possível compreender a linguagem cultural e a comunicação em uma família, tendo sempre em mente que estes são frutos de uma herança recebida, primeiramente cultural, e depois transformada em valores familiares, algumas vezes atuando como crença e mito.

Como dito anteriormente, a família é influenciada por diversos fatores

externos (sociais, econômicos, religiosos e políticos). Ao enfatizar a importância do aspecto cultural no ambiente familiar, ressalta-se que este não inclui apenas a tradição familiar, mas também seus ancestrais e a cultura em que todos estão inseridos. Este aspecto ganha notoriedade quando se propõe a estudar um assunto que questiona os valores tradicionais, como a homossexualidade feminina, e que enfrenta considerável preconceito social.

Para Osório (2002) a família tradicional está em mudança, sofrendo alterações em seu ciclo evolutivo, questionando-se. Mas, ainda assim, mantendo suas funções, permitindo a formação de novas configurações familiares, adequando-a as mudanças vividas nos relacionamentos humanos.

Os familiares das minorias sexuais, entre as quais famílias de lésbicas, usualmente possuem internalizados comportamentos e atitudes homofóbicas e heterossexistas. De acordo com Rittler e Terndrup (2001), uma das principais consequências observadas é a dificuldade que tais famílias de origem possuem no oferecimento de apoio emocional a seus membros homossexuais. E a grande maioria das lésbicas, gays e bissexuais tem consciência da dificuldade potencial que a própria família possui para lidar com a homossexualidade, o que faz com que não a procurem quando na busca por apoio.

Kurdek e Schimitt (1987) identificaram que amigos de gays e lésbicas são considerados por estes como mais capazes de oferecer apoio emocional e social do que os membros da família de origem. Também no relacionamento junto a casais homossexuais, o apoio dos amigos aparece como algo de significado central.

Ao revisar a literatura científica disponível sobre a amizade entre a população GLBT, Weinstock (1998) destaca que as pesquisas disponíveis indicam que lésbicas e gays possuem e valorizam em muito suas amizades, e estas amizades

desempenham funções importantes de apoio não apenas para os indivíduos, mas também nas relações de casais homossexuais. Apoio este semelhante ao descrito por casais heterossexuais e recebido por suas famílias de origem.

Ainda analisando as pesquisas recentes, Weinstock (1998) ressalta que diversas teorias e pesquisadores sugerem que lésbicas e gays, tanto como indivíduos quanto como casais homossexuais, recebem menor apoio de suas famílias de origem e da sociedade em geral, para si e para suas parcerias românticas, como fruto do preconceito, ou seja, como resultado da heteronormatividade e homofobia.

Uma das tarefas mais difíceis citadas por indivíduos homossexuais (HANCOCK, 1995) é assumir-se como homossexual para a família de origem. Afinal, as famílias oferecem apoio emocional e físico, conectam ao passado e permitem uma base segura para se poder conhecer o mundo e sobre o mundo, incluindo atitudes e valores.

Normalmente quando um indivíduo se assume como homossexual para sua família de origem, uma crise familiar se instala. Muitas vezes o indivíduo adia ou não se assume como homossexual para seus pais e outros membros familiares por medo de uma ruptura, rejeição e perda do contato (SCHLAGER, 1998).

Tais medos não são infundados. Como citado na introdução, o índice de violência praticado em relação à população homossexual por membros da própria família é bastante alto. Segundo uma pesquisa organizada pelo Instituto de Saúde Lésbico nos Estados Unidos, ao redor de 46% de jovens lésbicas buscaram ajuda em instituições de saúde para aconselhamento psicoterápico visando discutir assuntos relacionados a problemas decorrentes de sua orientação sexual com suas famílias de origem (RYAN, 2001).

Em pesquisa realizada na parada gay em 2004, tanto no Rio de Janeiro como em Porto Alegre, observou-se que, das mulheres entrevistadas, 29.3% no Rio e 33% em Porto Alegre relataram sofrer discriminação, inclusive marginalização e exclusão por parte de suas famílias e, destas, 15.1 % (Rio de Janeiro) e 18.3% (Porto Alegre) relataram terem sofrido agressões físicas em suas casas.

Sardá, Guinea e Morales (2005) discutem a posição da mulher na família, segundo a qual esta ainda hoje segue como a guardiã da moral na mesma, de modo que a honra do homem está implicada na pureza sexual de sua esposa e filhas, e não na sua. Esta concepção pode ajudar a entender a violência que as mulheres homossexuais enfrentam dentro de suas famílias de origem, já que o comportamento sexual destas mulheres “compromete” a família.

A melhor previsão que pode ser feita com relação à reação familiar, e à reação parental, é que esta é imprevisível, apesar de que um bom relacionamento familiar prévio pode sinalizar uma resolução saudável (SAVIN-WILLIANS e DIAMOND, 1999). Ainda assim, a grande maioria dos pais e familiares reage inicialmente de maneira negativa.

Segundo Schalger (1998), independente de ter se assumido ou não perante sua família de origem, o indivíduo LGBT demonstra interesse em continuar integrado à sua família de origem. Mesmo quando há uma quebra de contato, estes tentam torná-la temporária, e ainda assim limitada a alguns membros; é bastante comum observar a pessoa que se assumiu como homossexual aliando-se a outros membros de sua família de origem, membros da família extensa, numa tentativa de evitar uma ruptura total com a mesma. Muitos homossexuais descrevem o assumir-se para a família de origem como uma separação emocional desta.

Brown (1994) observa três padrões mais comuns no que se refere à saída do

armário para a família de origem. Primeiro, o não se assumir, ou a escolha pelo segredo: nesta situação, o indivíduo homossexual mantém uma distância geográfica ou emocional rígida em relação à família de origem, reduzindo o contato com estes ao mínimo possível. Segundo, o padrão “eu sei que você sabe” – um acordo tácito no qual todos os membros envolvidos concordam em não falar sobre a vida pessoal dos membros homossexuais, e no qual as palavras lésbica, gay ou homossexualidade são conscientemente evitadas em conversas familiares. E, por último, o padrão tipo “Não conte a seu pai”, no qual o membro homossexual assumiu-se para sua mãe e ou irmãos cujo perfil é mais apoiador, e estes então decidem em conjunto que esta informação “matará seu pai”, concordando assim em não contar ao pai, avôs, ou outro parente.

Este último se assemelha ao padrão “eu sei que você sabe”, exceto na formação dos subsistemas familiares nos quais a informação sobre a orientação sexual de um de seus membros soma nova dimensão a um segredo familiar. O mesmo pode ser observado no Brasil, como se vê no trabalho de Sant Anna (2002) no que se refere à população gay e nas conclusões do trabalho de mestrado de Noda (2005), onde foi observado que a grande maioria das lésbicas pesquisadas relata certo afastamento de sua família de origem, muitas vezes se estabelecendo um padrão de relacionamento inconstante, com períodos mais próximos alternados a períodos de maior ou total afastamento.

Para Ritter e Terndrup (2001), as reações dos membros da família à homossexualidade de um de seus membros revela muito sobre a natureza das relações e padrões de interação neste sistema familiar. Novas coligações, novos padrões de rigidez, ou até novos subsistemas podem se formar baseados no desejo de membros individuais da família em aceitar a homossexualidade de um membro.

Muitas vezes essas novas configurações levam à formação de panelinhas, ou grupos de pessoas que assumem e defendem uma posição específica, em alguns casos chegando até à quebra de relações entre grupos de posições divergentes dentro da própria família.

Em seu relacionamento com a sociedade, o sistema familiar pode se tornar rígido, preparado para atacar, com reações típicas de fusão e pseudomutualidade entre seus membros, assim como a vergonha por ter na família um membro homossexual. Muitas vezes a família se afasta de amigos e da comunidade como resultado da ansiedade, medo e desconfiança – em muitos casos reações de vergonha e isolamento semelhantes ao vivido pelo membro homossexual – por também se sentirem estigmatizados e estereotipados. A heteronormatividade e a homofobia são enfrentadas não apenas pelos homossexuais, mas também por sua própria família.

Strommen (1990) cita alguns aspectos homofóbicos presentes na sociedade e que afetam diretamente a resposta da família à homossexualidade assumida de um de seus membros. Entre estes está a crença de que esta é algo antinatural, já que exclui a reprodução, sendo que indivíduos homossexuais aparecem como uma ameaça às crianças. Esta última crença persiste apesar das muitas evidências provando o contrário.

A religiosidade ou não religiosidade é citada pelo autor como algo de importância fundamental no modo como a família de origem responderá à homossexualidade de um de seus membros. As maiores instituições religiosas condenam ou então não aprovam relacionamentos homossexuais; o Brasil é um país de maioria católica, religião na qual homossexualidade é condenada.

Famílias com fortes convicções religiosas tendem a condenar e não apoiar

seus membros homossexuais, mantendo-se fiéis às suas convicções religiosas. De fato, Hancock (2000), ao revisar a literatura sobre o assunto, sugere que quanto mais a família se apóia nos ensinos religiosos para orientação e suporte moral, mais negativa e severamente tende a responder ao seu membro homossexual. Nenhum outro grupo minoritário tem que enfrentar a rejeição de sua família em decorrência de dogmas religiosos como os homossexuais.

Ainda, segundo Strommen (1990), quando a família fica sabendo da homossexualidade de um de seus membros, dois processos têm início. Primeiro, ela busca compreender a homossexualidade de um de seus membros no contexto de seus valores e sistema de crenças; por exemplo, no que se refere à homossexualidade, questões de gênero e religião. Enquanto lida com a crise pós-revelação, geralmente vivencia um afastamento do membro homossexual: antigas identificações deste indivíduo como filho, irmão, primo, são negadas pela nova identidade. Muitas vezes o membro homossexual passa a ser percebido como um estranho.

Lidar de modo positivo com a crise pós-revelação implica no enfrentamento de convenções sociais. Neste caso, a preocupação com o membro homossexual é maior e leva a família a questionar os valores subjacentes à heteronormatividade e homofobia, preparando-a para novas atitudes e crenças diante da identidade homossexual de um de seus membros.

Vale ressaltar que este processo não se dá de uma só vez e usualmente leva tempo. Não apenas leva tempo, como também é continuamente revisto e atualizado pela família; festas de aniversário, casamentos e outros eventos familiares podem trazer constantemente à tona tais conflitos.

Cada mudança vivida pelo indivíduo homossexual leva a família a novo

enfrentamento: primeiro, esta deve lidar com o revelar-se, para em seguida lidar com a presença de parceiros amorosos, relacionamentos mais estáveis, o desejo de casar, ter filhos – fases desenvolvimentais naturais no ser humano, mas extremamente questionadas quando se refere à população homossexual, e que trazem novos questionamentos e desafios à família de origem.

3 HOMOSSEXUALIDADE FEMININA E PADRÕES RELACIONAIS

Este capítulo trata dos tipos de relacionamentos que mais se encontram presentes na literatura quando se lê sobre a vida da mulher lésbica, ou sejam, relacionamentos amorosos e relações de amizade.

Segundo Sluzki (1997), existe forte evidência de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável protege o indivíduo contra doenças, atua como apoio e encaminhamento, acelera os processos de cura e aumenta a sobrevida. Sendo assim, pode-se dizer que a existência de uma boa rede social é, para o indivíduo, geradora de saúde.

O modelo de redes proposto por Sluzki (1997) possui três principais níveis, sendo que no primeiro nível tem-se a rede social pessoal, com o individuo ao centro e suas relações de maior intensidade e intimidade; a seguir, tem-se uma das muitas redes de que o individuo é membro periférico; no terceiro nível encontram-se as redes supra-individuais, ou sejam, as redes em que os membros individuais pertencem sem conhecerem uns aos outros, como membros de um mesmo clube, ou profissionais de uma mesma empresa. A seguir têm-se as redes das quais o individuo não é membro, mas que alguns membros de sua rede o são; as redes que o individuo é membro, mas poucos ou nenhum dos membros de sua rede o são, e por último, as redes das quais nem o individuo, nem os membros de sua rede fazem parte, mas que podem afetar indiretamente sua rede.

Quando se refere à população homossexual é importante levar em conta não apenas os contextos culturais, históricos, políticos e sociais, mas também considerar as pessoas com quem este indivíduo se relaciona - fato de importância fundamental na maneira como este lidará com as situações de estresse, discriminação e exclusão correlatos à sua escolha sexual.

Pode-se definir a rede social pessoal como a

“soma de todas relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Esta rede corresponde ao nicho inter-pessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem.” (SLUZKI, 1997, p. 41).

Entre as principais funções da rede citam-se: companhia social, apoio social, apoio emocional, guia cognitivo e conselhos, regulação social, ajuda material e acesso a novos contatos.

3.1 A conjugalidade em casais lésbicos

As relações amorosas de gays e lésbicas são similares e ao mesmo tempo diferentes das relações heterossexuais. A homofobia e heteronormatividade impedem muitos casais de abrirem seus relacionamentos para a sociedade, e são uma fonte crônica de estresse para os casais homossexuais. Existe menos suporte social e familiar para estes casais do que para os casais heterossexuais, assim como poucos modelos de relacionamento; e o não reconhecimento legal da relação e consequente não validação, legitimação e aceitação pública da mesma. Mas assim como os casais heterossexuais, os casais homossexuais buscam relações de apego e autonomia, possuem padrões relacionais semelhantes (por exemplo, da paixão inicial à calma e companheirismo), e temas de conflitos semelhantes (finanças, conciliação de carreiras, etc) (HANCOCK, 1995).

Segundo Ritter e Terndrup (2001), as mulheres homossexuais tendem a formar casais com maior freqüência do que os homens homossexuais, e a buscar em suas relações, sejam estas amorosas ou de amizade, proximidade e harmonia.

As lésbicas freqüentemente são mulheres de carreira, que optaram por seguir uma carreira profissional e que acabam por ser menos visíveis como homossexuais, sofrendo assim menor preconceito social. E as lésbicas em especial são mulheres cuja vida profissional lhes proporciona grande satisfação pessoal. Ao contrário do que muitos pensam, a solidão é menos presente em indivíduos homossexuais, principalmente para os que criaram ao longo da vida uma **família de escolha**.

Segundo Green, Bettinger e Zachs (1996), as teorias de Bowen e Minuchin nos trouxeram três pressupostos referente ás relações homossexuais, muito devido ao fato de suas experiências terem sido com populações clínicas, e, portanto enviesadas. São eles:

- Pressuposto 1: Como consequência da socialização de gênero, casais de lésbicas têm a tendência de ser emocionalmente fusionais;
- Pressuposto 2: como consequência da socialização de gênero, casais gays tem a tendência de serem emocionalmente desengajados;
- Pressuposto 3: É essencial para o bem estar dos casais de gays e lésbicas que seus parceiros tenham se assumido para suas famílias de origem (isto se deve ao conceito sobre a necessidade de diferenciação de Bowen).

Olson (1986, 2000) realizou uma exaustiva pesquisa (California Inventory for family assessment) com casais heterossexuais, lésbicos e gays e chegou às seguintes conclusões:

Ao se comparar casais heterossexuais com casais lésbicos e gays fica claro, nos resultados, que estes últimos são mais coesos e flexíveis. Pode-se dizer então que alta coesão e flexibilidade são características de casais do mesmo sexo, sendo que casais de lésbicas são ainda mais coesos e flexíveis do que os casais de gays.

Tal coesão e flexibilidade se deve ao fato de os relacionamentos homossexuais estarem constantemente tendo seu custo-benefício avaliados. Já os casais heterossexuais que apresentam maior coesão e flexibilidade relatam maior satisfação com seu relacionamento conjugal. Por outro lado, os casais de lésbicas identificados como menos coesos e flexíveis são mais propensos ao rompimento em um período de dois anos.

Na mesma direção Mencher (1990) discute a grande proximidade vista em casais lésbicos, antes denominados de fusionais, como algo extremamente positivo. Diferente da idéia de que a fusão limita o crescimento individual, a autora observou, em suas pesquisas, que a intimidade intensa vivida por estas mulheres lhes permite maior sensação de segurança e fé na relação, confiança e segurança pessoais, estimulando sua auto-realização pessoal e profissional. Green, Bettinger e Zachs (1996) salientam o fato de casais lésbicos serem mais próximos e mais satisfeitos em seus relacionamentos do que os casais gays e heterossexuais.

Tem sido identificado que se assumir para a família de origem não apresenta qualquer relação com a satisfação conjugal e duração dos casais de lésbicas. Casais do mesmo sexo são geralmente coesos, altamente flexíveis e recebem apoio significativo de amigos. Funcionam excepcionalmente bem recebendo ou não o apoio da família de origem (GREEN, BETTINGER e ZACHS 1996).

Diante de tais dados fica evidente a necessidade de rever os conceitos de coesão, proximidade, comunicação aberta e intrusividade. Diferente do que se pregava, os relacionamentos lésbicos não são fusionais, mas satisfatórios, extremamente cuidadosos e com enorme proximidade entre as parceiras. São mais flexíveis com as normas de gênero e, portanto, apresentam papéis de gênero menos

rígidos. Não existem pressões para lucros secundários na relação: o casal está junto pela relação.

Um fator que também diferencia os casais de lésbicas dos casais heterossexuais é a freqüência com que ex-parceiras se mantém presentes, e são incluídas na vida do novo casal de lésbicas.

3.2 A rede de amizades

Na década de 1990, a literatura científica começou a discutir a noção de **família de escolha** para se referir ao apoio social recebido por gays e lésbicas de pessoas que não sua família de origem (GREEN, BETTINGER e ZACHS 1996); apesar de já ter passado mais de uma década, em 2004 Weinstock, e Rothblum revisaram a literatura referente à rede de amizades lésbicas e sinalizaram a falta de trabalhos empíricos sobre o assunto, apesar de sua clara relevância. Também no Brasil não foi identificado qualquer trabalho desse tipo. É possível concluir, por meio dos poucos trabalhos escritos sobre o assunto, que as amizades lésbicas são tipicamente fontes de apoio e satisfação. Infelizmente muito do que se sabe hoje sobre as amizades lésbicas fazem parte de observações indiretas, fruto de trabalhos com diferentes focos, como lésbicas e família de origem; comunidades lésbicas, relacionamentos afetivos-sexuais lésbicos, entre outros (WEINSTOCK e ROTHBLUM, 2004).

Assim como em relações heterossexuais, mulheres lésbicas tendem a ser amigas de pessoas similares a elas, em aspectos como raça, idade, sexo, nível socioeconômico, e sexualidade. Ou seja, lésbicas tendem a estabelecer amizades com mulheres lésbicas (WEINSTOCK, 2004a). A tendência das lésbicas de

manterem relacionamentos, e muitas vezes fortes laços de amizades com ex-amantes, assim como com a comunidade lésbica mais ampla tem sido freqüentemente citado na literatura (ROTHBLUM et al., 1995). Relações de amizade muito íntimas são ainda mais prováveis quando as mulheres lésbicas não se assumiram para suas famílias de origem, ou ainda quando estas reagem de modo negativo à homossexualidade de suas filhas. Neste aspecto, ter amigos como familiares oferece à população homossexual receber de um grupo de amigos uma identidade e fonte de apoio social normalmente pouco encontrado em uma sociedade heterossexual; a família de escolha apóia o indivíduo diante da heteronormatividade e homofobia.

Fitzgerald (2004) reflete que as relações de amizade lésbicas são espaços onde as mulheres homossexuais sentem-se seguras e com liberdade para serem elas mesmas; relacionamentos criados sem qualquer apoio institucional e geralmente sem apoio ou mesmo conhecimento da família de origem. Como coloca a autora:

“o resultado disto é o sentido de magnitude que acompanha a perda – quando você “sai do armário” perde seu sentido de identidade por certo tempo....a percepção de ser fundamentalmente diferente de virtualmente qualquer pessoa a leva a olhar ao redor de si e reavaliar tudo que lhe é familiar, o que naturalmente a leva a buscar pessoas que a compreendam.” (FITZGERALD, 2004, p. 186).

Outro papel encontrado na literatura e atribuído à família de escolha envolve ver os amigos como substitutos de membros da família de origem, para substituir a perda de acesso e ou apoio encontrado na mesma. Este conceito de “amigos como família” parece ser fruto direto e reflexo do pouco apoio que as lésbicas recebem de suas famílias de origem, aumentando a necessidade que estas mulheres possuem de amigos que exerçam as funções tradicionais das famílias de origem (WEINSTOCK, 2004a).

A mesma autora afirma que as lésbicas adultas usualmente citam a parceira como a melhor amiga, juntamente com ex-parceiras, e os amigos aparecem exercendo o papel de substitutos da família extensa. Um desafio presente e comum na vida destas mulheres é a negociação de sua parceira atual, com as ex-parceiras, consideradas como família e com quem mantêm relações de grande proximidade e intimidade.

Éden (2004) sugere que o costume das mulheres lésbicas de manterem suas ex-parceiras próximas deve-se ao fato de que as lésbicas se relacionam de modo romântico com suas melhores amigas. Termina-se o romance, mas a amizade perdura. De fato, diferente dos costumes familiares heterossexuais, existe a tendência nas lésbicas de se manterem amigas de suas ex-amantes. A inclusão destas como parte da família de escolha nem sempre é algo automático, mas algo esperado: a ênfase na transição de parceira para amiga é algo que permanece presente na comunidade lésbica (WEINSTOCK, 2004a).

É possível observar que, ao menos nas comunidades lésbicas norte-americanas, há o esforço consciente para a manutenção dos laços com as ex-parceiras, considerado como um importante valor da comunidade lésbica. As amizades com as ex-parceiras são consideradas um privilégio, que demanda tempo e energia de ambas ex-parceiras, assim como de suas novas parceiras (WEINSTOCK, 2004b).

Shumsky (1996) usa o termo **família/amizades** para se referir às amizades lésbicas mantidas entre ex-parceiras que terminaram sua relação de casal, mas que mantêm forte vínculo relacional. Mesmo estabelecendo novas relações amorosas, o laço entre as ex-parceiras continua e é considerado por ambas como emocionalmente importante. O autor cita ainda o uso de um acrônimo, em inglês,

usado pelas lésbicas, como referência às amizades com ex-parceiras: “**gokwa – God only knows what we are**”, ou em português, *Apenas Deus sabe o que somos*. Weinstock (2004b) sugere novo acrônimo, **FLEX – Friend and/or Family connections among Lesbian Ex-Lovers** (Relações de amizade e ou familiares entre ex-parceiras lésbicas), que reconhece e honra o desejo e habilidade das lésbicas de serem flexíveis em seus relacionamentos íntimos, mantendo os relacionamentos que lhes são importantes mesmo quando estes mudam em forma e função.

Muitos homens e mulheres homossexuais vêm seus amigos e parceiros como pontos de um mesmo continuum, e não como diferentes categorias. Para muitas mulheres, a amizade íntima com outra mulher foi o caminho por meio do qual o desejo sexual emergiu. A grande maioria das lésbicas relata terem vivido sua primeira experiência sexual com outra mulher em um contexto de amizade (WEINSTOCK, 2004b).

Seja para enfrentar a homofobia e heteronormatividade, seja por ser mais provável a amizade com iguais ou ainda o fato das lésbicas geralmente estabelecerem relações amorosas com amigas, a amizade entre ex-parceiras é algo real e extremamente importante na vida das mulheres lésbicas. Tais amizades oferecem um ambiente afirmativo no qual a perda destes laços trás maiores perdas do que benefícios. A possibilidade de transformar seus relacionamentos parece permitir o apoio à identidade lésbica e o desenvolvimento individual destas.

Revendo a literatura nacional, encontram-se poucos trabalhos sobre homossexualidade e conjugalidade, com um total de nove mestrados e três doutorados citados pelo CAPES, embora nenhum relacionando a família de origem à homossexualidade e conjugalidade homossexual. Considerando a natureza familista da família brasileira (DAMATA, 1987), o preconceito velado à população

homossexual e a importância da rede de relacionamentos como fonte de apoio e como agente de saúde mental, acredito ser importante discutir a relevância do conceito **família escolhida** nas relações homoeróticas femininas no Brasil.

4 MÉTODO

O modelo de pesquisa adotado foi a pesquisa qualitativa, considerando que esta possui um foco com métodos múltiplos, que permite uma abordagem interpretativa e naturalista para diferentes assuntos, neste caso, buscar compreender se a rede de relacionamentos lésbicos de fato comporta a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relações. Assim, a pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de estudar o fenômeno no âmbito em que ocorre, sob a olhar de quem o vive, e da maneira como este o percebe.

Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa tem como objetivo proporcionar uma aproximação com o problema investigado, e se constrói de modo a privilegiar as informações das entrevistas com os participantes e suas experiências práticas com o tema. É nesta perspectiva que a pesquisa qualitativa como método é adequada ao presente estudo:

“Significa que os pesquisadores que usam a pesquisa qualitativa estudam as coisas em seu meio natural preocupados em fazer sentido e interpretar o fenômeno em termos do significado que as pessoas atribuem a ele.”
(DENZIN e LINCOLN, 1994, p.2)

O delineamento escolhido para este trabalho foi o estudo de caso, cuja centralidade está no significado atribuído pelo sujeito aos eventos e à própria vida. Aqui o importante não é a generalização, mas o que aconteceu durante a experiência de cada indivíduo. O estudo de caso possui várias aplicações e pode ser empregado para casos individuais ou em um caso particular. Contribui para revelar, extrair, apontar fatos e demonstrar eficácia de conceito sendo a abordagem mais adequada para o objetivo do presente trabalho.

Stake (1994, p. 236), ao se referir ao estudo de caso como método de pesquisa afirma que este “*não é uma escolha metodológica, mas escolha de objeto a ser estudado, escolhe-se estudar o caso...*”, e prossegue, “*como uma forma de*

pesquisa o estudo de caso se define pelo interesse no caso individual, não pelo método de investigação, sua importância se dá mais pelo que se pode aprender, do que pelas generalizações que se faz posteriormente".

Durante todo o processo o investigador deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento que lhe permita posteriormente pensar sobre o que ouviu. Ele é um co-participante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido. Para Denzin e Lincoln (1994) é impossível manter o distanciamento do objeto de estudo, já que as crenças e valores do pesquisador estarão sempre presentes e permearão a visão deste. Desde esta ótica, é fundamental a constante reflexão sobre os tipos de questionamentos e interpretações por ele realizados.

Participante

A participante deste estudo é uma mulher de 46 anos, natural da cidade de São Paulo, homossexual assumida, independente financeira e emocionalmente de sua família de origem, pertencente à camada média alta urbana da cidade de São Paulo, e que viveu mais de um relacionamento amoroso, considerando que a presença de parceiras tende a modificar significativamente o relacionamento com a família de origem (NODA, 2005). Ela foi escolhida dentre três entrevistadas por ser aquela que melhor permitiu alcançar o objetivo do presente trabalho. Seu nome e os demais citados por ela foram alterados para manutenção do sigilo.

Procedimento

A participante foi selecionada segundo o método bola de neve. Foi feito um primeiro contato telefônico pela pesquisadora, para que esta e a entrevistada pudessem conversar sobre o tema geral da entrevista, e verificar se a mesma preenchia os critérios de inclusão. Diante da compatibilidade e o interesse da participante foi agendado o encontro.

O encontro foi realizado na residência da participante, sendo condição a priori que este fosse um ambiente que oferecesse condições favoráveis para a realização da mesma e com a opção de ser realizado na clínica da pesquisadora.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, em dois encontros. Esta metodologia permitiu o foco no tema, sendo direcionada por pontos de interesse explorados no decorrer da conversação. Dessa forma as entrevistas foram guiadas por um roteiro prévio com poucas perguntas que permitiram abrir novas conversações.

Roteiro de entrevista

- Dados e histórico pessoal;
- Quando e como a família de origem ficou sabendo da homossexualidade da participante. Como reagiu inicialmente e ao longo do tempo;
- Como é o relacionamento com a família de origem hoje;
- Como suas parceiras foram apresentadas à Família de Origem e como eles reagiram (discriminar pai, mãe, irmãos)

- Em que atividades, festas e celebrações familiares as diferentes parceiras participaram? Como foi?
- Como é a rede de apoio; relacionamentos com amigos (freqüência, duração do relacionamento, tipo de contato, multiplicidade de papéis, tipos de atividades que realizam juntos, reciprocidade, profundidade e estabilidade da relação).
- A quem procura quando precisa de ajuda e conselhos financeiros?
- Já viveu alguma internação hospitalar, acidente ou doença grave? A quem recorreu? A quem procura quando doente ou desanimada?
- A quem solicita conselhos profissionais?
- Com quem fala sobre seus relacionamentos?
- Onde e com quem comemora natais e outras festas?

Análise dos resultados

Os resultados obtidos nas entrevistas foram analisados segundo as seguintes categorias: Percepção do desejo homoerótico, Relacionamento com a Família de origem, Relacionamento amoroso, e Rede: Relação com amigas e ex-parceiras. Categorias estabelecidas previamente tendo como base a teoria encontrada sobre o assunto e descrita nos capítulos anteriores.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Todas as normas da resolução 196/96 do Ministério da Saúde, relativas à pesquisa que envolve sujeitos humanos foram cuidadosamente discutidas e seguidas. O trabalho foi aprovado pelo Conselho de Ética da Universidade e registrado no Ministério da Saúde com o número 001/2007.

5 RESULTADOS

Como Já relatado no método, optou-se pelo estudo de caso como meio adequado para **o objetivo** do presente trabalho, a saber, buscar compreender se a rede de relacionamentos lésbico de fato comporta a presença de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relações.

Para possibilitar melhor compreensão da pessoa entrevistada, a análise foi organizada apresentando inicialmente algumas informações gerais sobre Isabela, para em seguida discutir as categorias: Percepção do desejo homoerótico e seu enfrentamento, relacionamento com a Família de origem, relacionamento amoroso e Rede: Relação com amigas e ex-parceiras, segundo as quais os resultados serão discutidos. São usados trechos da entrevista como suporte de cada tema.

Isabela é uma mulher de 46 anos, natural de São Paulo. Sua família de origem é de classe média, sendo que o pai sempre foi o responsável pelo sustento da família e a mãe pelo cuidado da casa e filhos. Tem um irmão dois anos mais velho, e uma irmã três anos mais nova. É descendente de europeus. Profissionalmente bem sucedida, é formada em psicologia, mas trabalha com educação, estruturando e desenvolvendo cursos presenciais e cursos à distância. Atualmente vive sozinha, em apartamento próprio em região nobre de São Paulo, após término de uma relação de três anos.

5.1 PERCEPÇÃO DO DESEJO HOMOERÓTICO

Até os 17 anos Isabela relata ter tido uma vida sexual “normal”, (palavra usada por ela, como se pode observar abaixo) tendo sido surpreendida pela paixão nutrida por uma amiga de escola aos 17 anos:

"Então, me descobri gay com 17 anos: não é uma escolha: quem fala que é escolha está mentindo. Com 17 anos me descobri gay com uma amiga da escola – Tais. Antes disso eu tinha namorados, vida sexual normal. Aí a gente começou a andar juntas, fazia tudo juntas: e há tantos anos atrás isso era um tabu, era muito complicado. E ela também se sentia assim. No começo sublimamos. Demoramos mais ou menos um ano e meio para conversarmos. Eu de repente vi que não me interessava mais por menino nenhum: até tentei ficar com uns, mas não rolava; aí comecei a me sentir atraída por ela... pra mim foi assustador. Imagina isso há uns 20 anos atrás... um dia de repente me apaixonei pela minha melhor amiga, e aí, o que é que é isso, o que faço com isso?"

Como discute Schneider (2003), as amizades entre as mulheres possuem destaque no processo de formação de uma identidade lésbica, assim como no processo do sair do armário. Weinstock (2004b) aponta que para a maioria das lésbicas a primeira experiência sexual com outra mulher se dá dentro de um relacionamento de amizade, fato vivido e relatado por Isabela:

"Um dia meus pais foram viajar e minha mãe pediu pra Tais ficar em casa comigo; então conversamos: não dava mais. Apesar de estar lutando contra, não querendo, com um monte de culpa, quando nos beijamos era certo. Não parecia errado. E aí ficamos."

Em seu discurso, Isabela relata a dificuldade de se aceitar como homossexual, sua confusão, e o enfrentamento da homofobia internalizada, homofobia e o peso, a limitação e o condicionamento produtos da heteronormatividade:

"Pois é: os anos passaram, e eu fui fazer terapia... Na realidade eu fui fazer terapia porque como minha mãe ficava com essa coisa, ela não aceitava, não aceitava e não aceitava, eu também tinha dificuldade na realidade de aceitar. Tanto é que assim, a certa altura do meu relacionamento com a Tais, eu até decidi que não iria mais me relacionar com ela, e até tentei namorar uns caras. Eu tive uma fase assim, que eu falei não, isso aqui não. Porque minha mãe ficava falando que isso era uma fase, é uma fase, isso vai passar, porque você tomou um pé do último namorado, porque eu tinha tomado mesmo, e que isso vai passar, e não sei o que. E eu acho que eu tava assim, também confusa, também não estava aceitando bem o fato de que eu era gay.

E assim, eu tinha, porque até então acho que eu tava meio que tentando lutar contra isso. Ainda achando que não, que eu podia vir a me casar, que eu poderia ter filhos, que eu poderia, sei lá, virar hétero! E aí ela conseguiu tirar isso da minha cabeça, completamente! Então pra mim isso foi: tá bom! Eu vou viver bem com isso, e pronto, o mundo se abriu."

O relato de Isabela sobre a tomada de consciência do homoerotismo e como lidou com ele, é minucioso e carregado de emoção. Mesmo após tantos anos esse período de sua vida segue sendo extremamente importante para ela. Creio que Isabela viveu sua crise de identidade sexual de modo bastante satisfatório, por possuir recursos próprios, ter procurado ajuda terapêutica quando pensou necessitar e, por ter tido ao seu lado pessoas que a ajudaram: seja na descoberta da rede de “pessoas como nós”, seja no decorrer de sua vida.

5.2 RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM

Revelar-se como homossexual para sua família foi para Isabela algo inevitável e pouco planejado. Com 17 anos e se debatendo com seus sentimentos, bastante confusa, foi questionada pela mãe a quem admitiu:

“... e aí minha mãe me encostou na parede, ela perguntou se tinha alguma coisa de estranha na minha amizade com Tais, e eu admiti, e minha mãe ficou puta, ela surtou, surtou, surtou. Ela falou assim: você vai fazer terapia, você está doente, isso não é normal, e proibiu a Tais de freqüentar minha casa.”

Quando se refere à sua família de origem, Isabela fala muito mais de sua mãe, do que do pai e irmãos. Segundo ela, o pai sempre foi uma figura mais ausente, sendo a mãe a responsável pelo cuidado dos filhos. Como Schalger (1998) aponta, a reação da família à homossexualidade de um de seus membros vai depender, dentre outros fatores, do tipo de relacionamento prévio mantido. Neste sentido, a reação materna e paterna foram condizentes ao padrão relacional mantido na família:

“O meu pai, na realidade assim, o meu pai foi mais light por várias razões: um, porque meu pai sempre foi muito ausente. Ele nunca participou da vida de nenhum de nós, nem da minha, nem do meu irmão, nem da minha irmã.

Então meu pai nunca foi uma figura assim, quem realmente ditava as regras sempre foi minha mãe, ela que mandava e desmandava, dava bronca, etc. e tal.”

Em acordo com Strommem (1990) também se identifica que a reação familiar é um processo no qual a reação inicial nem sempre prevê o que virá depois. A reação materna passa por diversas fases, algumas semelhantes às citadas por Edith Modesto, autora do livro “Abrindo o armário” e citada na introdução, sendo alguns destes: sentimentos de culpa, confusão, vergonha, hostilidade e outros:

“Aí minha mãe foi passando pelas diversas fases: primeiro que sou doente, o que estou fazendo, isso não é normal, depois a próxima fase foi a fase de culpa dela, o que eu fiz de errado..... a sensação que eu tinha da minha mãe era: “eu preferia ter tido uma filha prostituta....do que uma filha gay”.”

A reação dos irmãos é pouco citada no discurso de Isabela. Assumir-se como homossexual obriga toda a família a se questionar. No caso dos irmãos, a própria sexualidade entra em questão, bem como o enfrentamento das decorrências sociais. Em especial na descrição da reação do irmão mais velho de Isabela observa-se um processo (uma reação inicial mais negativa seguida pela aceitação) como citado nos trabalhos de Savin-Williams (1996).

“Olha, minha irmã foi super bem, super bem... E meu irmão, ele é mais careta, então, eu acho que ele ficou constrangido; demorou muitos anos pra ele conversar a respeito. Até hoje é uma coisa assim que ele não fica falando... mas eu sei que pra ele é hoje super na boa, entendeu?! Minha irmã foi super bem, não teve problema nenhum com ela.”

Quando concluiu a faculdade, Isabela consegue um emprego capaz de sustentá-la e decide sair de casa, onde o relacionamento, em especial com a mãe, atingia níveis insustentáveis.

“Eu estava na faculdade, e morar na casa dos meus pais era uma coisa insuportável né, porque minha mãe não aceitava isso de jeito nenhum”.

Após se mudar, Isabela relata ter vivido certo afastamento de sua família de origem. As conversas eram superficiais, e a família não perguntava ou questionava.

Como Ryan (2001) coloca, a família aparentemente reage neste momento à homossexualidade de Isabela tratando-o como um segredo familiar. Isabela relata ainda sua dor ao relembrar este período, ilustrando com bastante clareza a afirmação de Schalger (1998) de que o indivíduo GLBT demonstra claro interesse em continuar integrado à sua família de origem.

“Nos anos que a gente era distante, ela (mãe) não sabia nada do que acontecia na minha vida, porque como eu não estava mais morando com eles, eu não tinha obrigação, assim, eles não viam que horas eu chegava em casa, que horas eu saía, quem me ligava, com quem eu estava, nada disso. E eu também não me sentia obrigada a contar nada, e ela também não queria saber, certo?! Então, eu acho que passaram-se aí alguns anos que a minha vida na realidade com eles era uma grande mentira, entendeu? Mentira no sentido assim, a gente só falava de trabalho, e só, mais nada. Tudo o resto, vida social, vida amorosa não era discutido. Ninguém perguntava, ninguém falava, e era uma coisa assim.”

“Na época que minha mãe não aceitava, eu ficava pensando: gente, se minha mãe morrer, ela não vai saber quem eu sou, de verdade. Hoje não, sei que quando ela morrer ela vai saber quem eu sou. E acho que isso pega. Ser homo é uma parte de mim.”

No processo de negociação com sua família de origem, e como se pode ver nas falas acima citadas, é possível observar um padrão irregular no relacionamento de Isabela com sua família, com períodos de maior proximidade e períodos de afastamento, como já observado no trabalho de Noda (2005).

Schalger (1998) cita também outro fator que influenciará a reação familiar, o contexto sociocultural onde esta se encontra inserida. Para a família de Isabela, 15 anos após ela ter-se assumido, o filme “Philadelphia” serve como importante referência social no modo como a família, em especial os pais, lidam com a homossexualidade de um de seus filhos:

“E aí os anos se passaram... sabe o filme “Philadelphia”? Então, eu estava com meus pais em Nova York, e fomos ver esse filme... e eu estava me sentindo meio envergonhada, sentada com meus pais assistindo o filme, e não estava me sentindo muito a vontade, entendeu? Terminou o filme e os três, chorando (risos) – e aí minha mãe virou pra mim e falou assim: “nossa, que bacana os pais dele, não?!”. E desse dia então minha mãe mudou; assim, ela mudou o comportamento dela em relação a isso, ou seja, ela passou a aceitar. E aí ela super aceitou, e hoje ela é minha melhor amiga,

hoje eu discuto tudo com ela, ela participa de tudo, sabe de tudo que acontece, sabe dos meus problemas, ela participa de tudo, tudo. E não só ela, a família toda. Eu tenho um sobrinho, filho mais velho da minha irmã e ele é gay também, e pra ele já foi bico.

Hoje o relacionamento de Isabela com a mãe mudou: como ela mesma descreve, atualmente a mãe é uma amiga, alguém com quem ela compartilha a vida, e também alguém que necessita de cuidados em função de sua idade, cuidados este que ela toma para si com tranqüilidade.

O relacionamento de Isabela com sua família de origem, após ela ter saído do armário para eles, é claramente um processo: do choque inicial à aceitação, não apenas da sua homossexualidade, mas também de suas companheiras; este processo não se dá de maneira linear, possui períodos de maior proximidade e períodos de afastamento. Mas é um processo de crescimento de toda a família, que enfrenta suas crenças relativas à homossexualidade, assim como a homofobia internalizada – e cresce: não com facilidade ou sem sofrimento dá-se conta de que a homossexualidade de Isabela é apenas mais uma característica da sua personalidade, e que ela é uma pessoa muito além de sua orientação sexual, fato evidente na facilidade com que esta família aceita a homossexualidade de um membro da próxima geração, filho da irmã de Isabela.

5.3 RELACIONAMENTO AMOROSO

Isabela fala pouco sobre seus relacionamentos amorosos. Limita-se mais a descrever a relação de sua família de origem com suas namoradas. Quando questionada sobre seus relacionamentos amorosos, fala de maneira mais geral

sobre padrões de relacionamento lésbico, e cita os relacionamentos mais importantes que teve:

"Nunca fui muito de sair namorando. Sempre tive namoros mais sérios...mas tipo assim, isso é meu, é uma característica pessoal. A Taís e eu namoramos 6 anos, aí a gente achou que tava na hora de terminar. Foi uma coisa mútua, super na boa. Somos amigas até hoje. Depois dela fiquei um tempo sozinha....depois de um tempo fiquei com outra moça, aquela que até levei pros meus pais conhecerem, a primeira, que eles não gostaram....antes da gente ver o filme juntos. Mas ela era barra pesada, mexia com drogas, bebia muito. Ficamos juntas 2 anos...foi uma fase em que eu tava ainda muito confusa...a gente não tinha muito a ver. Depois só voltei a namorar a Mirtes: com quem fiquei 8 anos...foi a primeira vez que fui morar junto com alguém. Depois de 8 anos eu terminei com ela...foi punk, porque ela era minha melhor amiga, e eu não queria magoar ela, e .terminei porque me apaixonei por outra.....com essa outra, a Paula, ficamos 3 anos juntas, aí ela me deu um pé na bunda...fiquei super mal.....minhas amigas me apoiaram...minha mãe também, mas do jeito dela, dizendo que tinha me avisado....(risos). Aí fiquei de novo um bom tempo sem ninguém....até que namorei essa última, que também ficamos 3 anos juntas e terminamos....mas esse fim foi mais na boa..... É engraçado, agora te contando, minhas amigas sempre estiveram por perto...nunca fiquei sozinha, quando terminei ou quando terminaram comigo....e isso ajuda muito..."

Ao relembrar seus relacionamentos mais significativos, Isabela comenta de uma parceira com a qual não tinha muita coisa em comum, por apresentar comportamentos de risco, e justifica o relacionamento por ainda estar confusa com a própria homossexualidade. É interessante notar que, ao relatar a reação inicial da mãe, Isabela comenta com indignação a preocupação desta sobre seu envolvimento com drogas e doenças, associados pela mãe à homossexualidade. Podemos pensar se este relacionamento não possui características de auto-sabotagem, apontados como características comuns nos indivíduos homossexuais que ainda não conseguiram integrar sua orientação sexual à sua identidade (GONSIOREK, 1995): Deste modo, talvez em uma atitude inconsciente de sabotar a própria homossexualidade, Isabela estaria se relacionando com alguém com quem tinha pouca coisa em comum, como ela mesma descreve “barra pesada”, uma pessoa envolvida com drogas e bebida – confirmado o estereótipo inicial da mãe que parece relacionar homossexualidade com comportamentos de risco.

Também fica evidente a presença da rede de amizades, sempre atuante nos períodos de término de relações, como companhia, fonte de apoio emocional e ajuda.

“... então, o relacionamento entre duas mulheres pode ser bom ou ruim... como no relacionamento homem mulher. Acho que porque são duas mulheres tem mais cumplicidade e entendimento do que entre mulheres e homens; parece que a gente tem mais facilidade para a intimidade. Ah! E eu acho que é mais fácil entender os anseios, os desejos e as queixas de alguém do mesmo sexo... fica mais fácil.”

Em seu discurso Isabela parece concordar com Mencher (1990), considerando a maior proximidade entre as mulheres lésbicas como algo positivo; para ela, o fato de serem duas mulheres se relacionando amorosamente permite maior realização e satisfação em função da facilidade para a cumplicidade e entendimento entre as parceiras.

Ela conta diversos relacionamentos sérios e duradouros, ilustrando a tendência das mulheres homossexuais formarem casais com maior freqüência do que os homens gays (RITTER e TERNDRUP, 2001). Para muitas mulheres, e para Isabela, a orientação sexual é principalmente afetiva:

“... e mulher tem outra coisa que eu acho curioso: as mulheres em geral, elas não se apaixonam por um sexo, elas se apaixonam por uma pessoa. Então eu ouço muitas mulheres que hoje estão com outras mulheres, e que falam: “eu não me apaixonei por outra mulher, pelo sexo, eu me apaixonei pela pessoa”, e acho que tem esse lado. Então é uma coisa um pouco diferente: o homem tem essa coisa mais sexual. O homossexualismo masculino é, nesse sentido, bem diferente do homossexualismo feminino.”

Sendo assim, apenas se relaciona quando realmente interessada...

“...eu só fico com alguém, não quando eu estou apaixonada, mas quando eu estou muito interessada. Se eu tenho a sensação de um sentimento meio morno, eu não fico, não dá.”

Fica claro que, em todos os seus relacionamentos amorosos, Isabela manteve-se na relação pela relação, ou seja, enquanto satisfeita com o

relacionamento, sem as pressões por lucros secundários muitas vezes observados em casais heterossexuais.

“Aí chegou uma hora que os pais, a mãe da Tais, também começou a achar estranho, começou a achar que tinha alguma coisa estranha, na época ela era muito religiosa, hoje não é mais tanto, e aí eu fui banida da casa dela. Então foi ótimo, porque daí a gente não tinha mais aonde ir, e nem ficar: eu ainda morava com meus pais, e ela com os pais dela. E aí a gente começou a ir em motel: pior que a gente nem ia pra motel pra transar, a gente ia pra motel realmente pra ficar junto: ia lá, levava uns livros pra estudar, ia lá pra poder ficar junto.... E assim ficou durante alguns anos, aí depois minha relação com a Tais acabou, eu fiquei 6 anos com ela, e acabou.”

“...com essa que eu fiquei 8 anos, na realidade ela não queria terminar, eu queria – aí eu terminei, eu me apaixonei por outra pessoa e terminei com ela.”

Diferente do encontrado na literatura (OLSON, 2000), Isabela relata a manutenção dos papéis e estereótipos de comportamentos, sugerindo menor flexibilidade na relação; Olson observou que casais de lésbicas pouco flexíveis tendem a um rompimento após uma média de dois anos, fato não observado no relato de Isabela, que contabiliza relacionamentos mais longos e os descreve como bastante satisfatórios.

“... por exemplo, na maioria dos casais de mulheres que conheço tem aquela que nutre, aquela que sustenta, aquela que domina, etc. Mas mesmo assim acho os relacionamentos entre duas mulheres mais satisfatórios... a gente entende mais a outra...”

“Comigo era assim... vou dar um exemplo de quando estava com a Mirtes, que ficamos juntas 8 anos: como eu trabalho em casa, e a casa é minha, eu bancava os gastos do apartamento, e ela ficava com o supermercado, comida, essas coisas. Quando a gente saía, às vezes uma pagava, às vezes outra...não era nada fixo... mas também tem diferenças de personalidade, né?! A Mirtes é do tipo maezona, então ela tava mais pra cuidadora... mas depois, minha outra namorada, médica, era toda desencanada: nem comia direito, então eu fui mais maezona.....acho que depende do casal...”

Podemos também pensar que a manutenção dos papéis e estereótipos de comportamento como descritos por Isabela seja consequência da heteronormatividade, conceito moral implícito que leva as pessoas a reproduzirem comportamentos heterossexuais (OSWALD, BLUME e MARKS, 2005).

Para ela o relacionamento da família com as namoradas é algo natural, e sem qualquer diferenciação pelo fato de ser homossexual. Isabela já havia apresentado uma namorada aos pais, mas justifica a reação destes a ela como consequência das características pessoais desta, e não como fruto da não aceitação dos pais à sua homossexualidade. Após assistirem ao filme Philadelphia e completa aceitação dos pais, Isabela começa novo relacionamento e apresenta a nova namorada aos pais, que reagem diferentemente:

“...e logo na seqüência (após assistir ao filme Philadelphia com os pais) eu comecei a namorar uma pessoa, que foi a primeira pessoa, eu já tinha apresentado uma outra namorada pros meus pais, mas minha mãe não tinha gostado muito, e também nem era pra gostar: não era uma pessoa boa, mexia com drogas, com bebida. Era uma pessoa difícil. Mas aí essa namorada apresentei pros meus pais, eles amaram ela, amaram. E assim, eu fiquei 8 anos com ela, e os 8 anos que eu fiquei com ela, ela foi super bem aceita, super bem vinda.”

“A Mirtes, que eu fiquei junto 8 anos, freqüentava todas as festas. E com toda minha família: tios, tias, primos, até meus avôs, que já faleceram, todos sabiam”.

“Com meus avôs era interessante: eles não conversavam abertamente sobre o assunto, mas eles sabiam. E eles aceitavam. Não era assim como era conversado com meus pais, e meus irmãos, não era conversado, mas eles aceitavam. Eu nunca me senti discriminada por eles, nunca. Muito pelo contrário, e assim, o pai da minha mãe, ele era tão careta, que ele era do tipo: eu fumava, né? Aí ele vivia me enchendo o saco porque eu fumava; e ele queria que eu usasse saia. Então, pra você ver a cabeça dele: o problema dele não era que eu era gay, era que eu não usava saia, então ele ficava o tempo inteiro falando pra mim: “ah! coloca uma saia, fica tão melhor: mulher de calça jeans....não acho bonito”. E isso não porque eu era gay, isso era outra coisa. Então, não sei até que ponto eles entendiam: porque eles entendiam, mas eles nunca discriminaram. Nunca.”

É interessante notar na fala acima a descrição de Isabela da reação de seu avô: fica a pergunta se a solicitação do avô por diferentes vestimentas e crítica ao uso do cigarro se deva a diferenças de comportamento entre diferentes gerações (uso de saia versus uso de calças e consumo de cigarros), ou à dificuldade deste em aceitar sua homossexualidade.

Um importante fator presente na vida dos casais lésbicos é a presença de ex-namoradas, assim como a troca de parceiras, o que pode ser fonte de estresse.

Como cita Isabela:

"O meio homossexual feminino, na realidade ele é pequeno, não é um meio grande, certo? Então o que acaba acontecendo é que tem muito troca-troca. Então, sei lá, você, hoje você está namorando uma pessoa, amanhã você está namorando comigo, e a gente sempre vai ter amigos em comum, etc. e tal, isso logicamente gera um estresse, as vezes muito grande. O que não é uma coisa positiva. Porque assim, eu tenho pra mim, meus valores, minha ética, etc., eu não, eu jamais me interessaria por alguém, assim, a namorada de uma amiga minha. Porque eu acho isso muita sacanagem. Mas tem muita gente que faz isso sim, e vai lá, e vê que a relação já está meio mal, e acaba roubando, por assim dizer, a outra."

Questões como flexibilidade e coesão na conjugalidade do casal homossexual feminino aparecem de maneira sutil na fala de Isabela. Ela se refere a uma proximidade maior entre as parceiras, mas a atribui a características do gênero feminino. Quanto à flexibilidade na relação, não percebe qualquer diferença do padrão social observado em casais heterossexuais. A fusão do casal homossexual feminino, tema bastante discutido na literatura (OLSON, 2000; MENCHER, 1990; GREEN et al., 1996), não aparece no relato de Isabela: ela apenas ressalta uma maior cumplicidade e entendimento entre casais de mulheres, novamente se referindo a características de gênero.

5.4 REDE: RELAÇÃO COM AMIGAS E EX-PARCEIRAS

Aos 17 anos, logo após ter se assumido para a família, Isabela sai em busca de apoio, troca, e confirmações que a legitime. A reação inicial da família teve papel fundamental nesta procura, sendo o principal motivador para que Isabela saísse em busca de uma rede de apoio:

"Isso (reação das famílias frente à descoberta) meio que levou a gente (Isabela e Tais) assim, meio que a buscar mais informação sobre isso; e eu nem me lembro como a gente descobriu que existia uma boate... E a gente entrou (na boate), e na hora que a gente entrou a gente ficou paralisada: porque tinha assim, um monte de homens, gay, um monte de mulheres gay, mas todos gente como a gente. Tudo muito bonito, tudo muito sabe, todos com cara de normal, tal. E foi uma coisa que abriu nosso mundo, né?! Porque na realidade foi uma coisa, que quando a gente viu aquilo, a gente ficou: nossa, nós não somos as únicas! E aí foi uma experiência muito legal, porque assim, a maior parte das amigas que eu tenho hoje, 20 e poucos anos depois, eu fiz durante essa época."

As amizades feitas nessa época lhe ofereceram companhia, apoio, referência e quebra de estereótipos. Isabela pôde lidar melhor com seu homoerotismo ao perceber que havia outras pessoas como ela. Encontrar pessoas com quem se identificar e, a partir daí, construir uma rede de apoio trouxe-lhe um sentido de pertinência e alívio ("...não somos as únicas"; "...abriu nosso mundo"). Antes disso, Isabela parece ter uma visão bastante preconceituosa em relação à população homossexual, fato evidente no receio de entrar em um bar gay ("...fomos assim com a cara e com a coragem, e olha foi difícil....") e sua reação frente às pessoas que lá estavam

"...e na hora que a gente entrou a gente ficou paralisada: porque tinha assim, um monte de homens, gay, um monte de mulheres gay, mas todos gente como a gente. Tudo muito bonito, tudo muito sabe, todos com cara de normal, tal...."

Neste período a rede de apoio parece atuar como substituta da família de origem, então lutando com a revelação de Isabela. Tanto que tais amizades perduram até hoje, também uma característica das amizades lésbicas. Como afirma Rothblum et al. (1995), as mulheres lésbicas tendem a manter fortes laços de amizade com a comunidade lésbica mais ampla. Neste primeiro momento, a rede também atua como facilitadora na aceitação de sua homossexualidade, oferecendo-lhe modelos de identificação e referência, fundamentais para a construção de uma identidade homossexual (HANCOCK, 2000).

Durante o período em que esteve afastada da família de origem, Isabela relata a presença e importância da rede lésbica na sua vida, e vêem-se alguns amigos atuando inclusive como substitutos de membros da família de origem, como um casal de lésbicas mais velho, o qual, ela mesma se refere, como “eram como pai e mãe”. Aqui a rede exerce um importante papel não apenas de apoio, mas de guia cognitivo e de conselhos, regulação social e ajuda material.

“Quando eu tava mais afastada dos meus pais, e a gente só conversava boberinha, eu não fiquei sozinha, sabe?! Assim, eu sentia falta deles, e sofria porque sentia que eles não ligavam pra mim por eu ser gay, tinha a sensação de que eles não me conheciam, e nem queriam me conhecer.....mas também eu era jovem, e não sentia tanta falta.....e tinha minhas amigas. Eu sabia que podia contar com elas pra tudo.....como família mesmo, sabe? As vezes até mais, porque a gente conversava de coisas que ninguém fala com os pais, só com amigos....de sexo, amizades, até de problemas no trabalho, dificuldades, davam conselho.....tinha um casal de amigas mais velho, elas eram meio que pai e mãe, sabe? Me davam conselhos, me socorriam se eu precisava de alguma ajuda...dinheiro não, isso nunca tive coragem de pedir pra ninguém. Mas se eu ficava doente e não tava namorando, elas vinham, se preocupavam, traziam comida, remédio, essas coisas.”

Quando necessita ajuda, Isabela sabe que pode contar com suas amigas, todas mulheres homossexuais como ela. Seus principais contatos se dão dentro desta rede, com poucas exceções. Até mesmo em sua vida profissional, relata a presença constante de homossexuais (*“E as relações de trabalho e estudo... nesse meio tem muito gay. E depende do meio, as pessoas se assumem bastante: neste meio sim: ninguém tem problema nenhum, é todo mundo assumido”*); Hoje relata a possibilidade de recorrer à mãe, visto o relacionamento entre ambas ser mais próximo. Ainda assim, em situações de crise, doenças, ou conflitos de relacionamentos, recorre à suas amigas. Vale notar que, no dia da entrevista, Isabela havia perdido duas amigas: uma companheira de trabalho, heterossexual, e uma homossexual de sua rede de amizades. Durante toda a entrevista o telefone não parou de tocar, com suas amigas lhe pedindo e oferecendo apoio, todas se organizando para a ida ao velório e enterro, e no oferecimento de apoio às famílias.

Apesar de a situação triste e difícil, para um observador de fora como eu foi um privilégio ver essa rede de apoio mútuo se levantando e organizando para o enfrentamento de uma crise em conjunto.

Isabela conta que a aceitação materna lhe possibilitou reatar seu relacionamento com seus pais, lhe permitindo uma reaproximação, especialmente de sua mãe, e assim a construção de um novo relacionamento entre ambas. A reaproximação com a família de origem não a afastou de sua rede de amizades, pelo contrário, ela trouxe estas amizades para o ambiente familiar, unindo assim sua família de origem com sua rede de amizades, formando sua família de escolha.

"Eu nunca perdi o contato com minha família, só ficamos assim, no superficial vai, até que minha mãe aceitou. Tanto que eu falo que o momento do clique pra ela, quando ela passou a aceitar, foi quando a gente tava em Nova York e foi ver o filme (Philadelphia). Então, a gente nunca deixou de se falar. E quando ela mudou e começou a aceitar, minhas amizades continuaram.....nada mudou nisso. Tanto que hoje meus pais conhecem muitas das minhas amigas e se dão super bem com elas. A gente se encontra todo mundo, tipo, no meu aniversário, ou eu levo uma amiga no Natal, na casa dos meus pais, coisa assim, e toda mundo aceita super bem, conversa e tal. Agora eu posso conversar de verdade com minha mãe: ela é super minha amiga, mas assim, diferente das outras, porque não deixou de ser minha mãe, né?! Não vou discutir com ela problemas sexuais... mas hoje a gente fala de quase tudo."

Hoje, a função de apoio da rede é dividida entre sua família de origem e sua rede de amizades. Isabela exemplifica bem como isso se dá contando quem a acompanharia se precisasse ficar internada em um hospital.

"Hoje o normal seria assim: se eu estiver namorando alguém, a pessoa que eu estou namorando vai ficar comigo se eu tiver internada. No caso agora, que to sozinha, ou eu vou ter que pedir a uma amiga pra ficar comigo, minha mãe não fica mais, por causa da idade e da saúde dela, hoje não, ou eu vou pedir pra minha irmã ficar comigo."

A presença de ex-parceiras na vida das mulheres lésbicas, apresentado na literatura (WEINSTOCK, 2004a), é confirmado por Isabela, que discute o conceito, inclusive relatando algumas dificuldades. As amizades com as ex-parceiras aparecem como algo da comunidade, um conceito ideológico mais do que um

sentimento individual; algo que demanda tempo e cuidado e que exige um esforço consciente para a manutenção do vínculo, nem sempre algo automático, mas ainda assim algo esperado. Mas ainda assim uma característica positiva e que vale o esforço: a própria Isabela, ao falar sobre suas ex-parceiras, as cita como parte de sua família.

"Todas são super minhas amigas. Aliás, são minhas melhores amigas. São as pessoas que eu mais confio, são praticamente família hoje. Justamente essa de 8 anos, eu considero ela família. É uma irmã. E isso também é muito diferente do meio heterossexual. Porque a gente tem uma coisa: eu não sei se é bom isso, sabia? Às vezes é muito difícil. Se você, o meio homossexual feminino, na realidade ele é pequeno, não é um meio grande, certo? Então o que acaba acontecendo é que tem muito troca-troca. Então, sei lá, você, hoje você está namorando com uma pessoa, amanhã você está namorando comigo, e a gente sempre vai ter amigos em comum, etc. e tal, isso logicamente gera um estresse, às vezes muito grande. O que não é uma coisa positiva. E aí é muito louco, porque, como o meio é pequeno, você vai acabar esbarrando na pessoa, então de repente todas se tornam amigas. Então é muito comum nesse meio, assim ex-namoradas se tornarem amigas. É muito comum. Mas às vezes até você chegar nesse ponto de ser amiga, o desgaste é tremendo... eu acho que as histórias bem resolvidas se tornam amizades."

Apesar de relatar as dificuldades em manter as ex-parceiras como amigas, cuja ênfase parece presente também na comunidade lésbica brasileira, já citada em textos norte-americanos (WEINSTOCK, 2004a), Isabela não vê grandes dificuldades na negociação da nova parceira com estas, talvez em função do meio homossexual ser um meio pequeno, e todas se conhecerem. A maior dificuldade está, não no novo relacionamento, mas na relação com a ex-parceira.

"O problema não é o novo relacionamento, o problema é assim, vamos supor, quem terminou: com essa que eu fiquei 8 anos - na realidade ela não queria terminar, eu queria – aí eu terminei, eu me apaixonei por outra pessoa e terminei com ela. E eu queria manter, eu queria ser amiga dela, mas ela não queria ser minha amiga, porque ela não queria aceitar a outra. Então ela boicotava a amizade totalmente. E aí depois que não deu certo com a outra, que terminou com a outra, aí a gente voltou a ser amigas, quando ela começou a namorar outra pessoa. Aí foi. Hoje, por exemplo, a gente é tão amiga, que qualquer pessoa que eu esteja, não vai ter muito problema porque já passou aquele tempo. Ciúmes pode até ter, se você alimentar isso... Pode ter ciúmes porque a outra seja minha confidente, que eu tenha uma cumplicidade, mas isso não me impede de ter uma cumplicidade com outra pessoa. Agora, eu não tenho mais tesão nenhum pela outra. Entendeu? Não tem mais conotação sexual nenhuma. Eu acho que a coisa com as ex-namoradas é muito mais uma coisa de "aí, você tem

"mais cumplicidade com a outra do que comigo" e pode acontecer no começo de um relacionamento; porque lógico, você vai ter mais cumplicade com a ex, mas nada que você não possa construir. Mas nada de que você tenha tesso pela outra. Quando aquela que eu terminei com a Mirtes terminou comigo, fiquei muito mal. No começo não queria nem ver, não quis continuar a amizade....mas depois de um tempo passou...aí comecei a namorar e aos poucos voltamos com nossa amizade. Hoje nossa amizade é ótima, nos damos super bem."

O que me parece bastante claro no discurso de Isabela é a importância de sua rede de amizade, com papéis de legitimação, regulação social, apoio e ajuda, conforme Sluzki (1997) funções de uma rede saudável. Esta também atua no enfrentamento da homofobia e homofobia internalizada, contribuindo para seu bem-estar.

O acrônimo sugerido por Weinstock (2004b), **FLEX** – relações de amizade e ou familiares entre ex-parceiras lésbicas parece expressar com exatidão o tipo de relacionamento mantido por Isabela com suas ex-parceiras, descrito por ela não como algo particular, mas como uma característica do meio homossexual feminino. Ainda assim, a presença de ex-parceiras na família escolhida não é descrito como algo automático, mas sim relações que exigem esforço e investimento - compensados sem dúvida por suas características.

É possível observar por meio da fala de Isabela, o processo de construção de sua família escolhida: ao sair do armário e viver certo período afastada de sua família de origem, esta nova família, formada essencialmente por sua rede de amizades, atua inclusive como substituta da família de origem, oferecendo modelos de referência, apoio emocional e social e conselhos. Após a aceitação materna e reaproximação com sua família de origem, é possível notar a união de sua família de origem à sua família escolhida, ampliando-a com a presença de seus pais e irmãos. A família escolhida de Isabela é, assim, formada por amigas, ex-parceiras e membros sanguíneos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de como as mulheres lésbicas brasileiras se relacionam com suas famílias de origem e, se de fato há a construção de uma família escolhida e como se constrói esta rede de relações realizou-se um estudo de caso.

Aceitar-se como homossexual, tendo de enfrentar a heteronormatividade e homofobia é um processo doloroso e difícil. Isabela relata ter levado anos para tanto, só o tendo conseguido após terapia. Ainda assim a rede de apoio aparece como de fundamental importância neste processo, apesar da divisão de papéis presente na descrição de Isabela indicar a permanência da heteronormatividade em seus relacionamentos.

O estudo mostrou que a família de origem vive a homossexualidade de Isabela através de fases, onde se verifica a oscilação de sentimentos de culpa, frustração, medo e raiva, entre outros, até a completa aceitação atual, fruto da maturidade da família e da própria Isabela.

A presença de um padrão irregular na relação de Isabela e sua família de origem é evidenciada, característica apontada em outros trabalhos acadêmicos com a população homossexual brasileira (NODA, 2005 e SANT ANNA, 2002). Este padrão parece acompanhar as fases pelas quais a família de origem passa no enfrentamento das questões relacionadas à homossexualidade de um de seus membros.

É extremamente interessante observar no relato de Isabela a construção de sua família escolhida, hoje composta por sua família de origem, ex-parceiras e amigos. Ao se deparar com a reação negativa inicial de sua família de origem, Isabela busca na cidade uma comunidade homossexual, e ali constrói amizades que

não apenas servem como uma rede de apoio saudável no momento, como se mantêm até hoje.

No decorrer de sua vida, Isabela mantém diversos relacionamentos amorosos e, característica da comunidade homossexual feminina, após o término destes relacionamentos, continua próxima de suas ex-parceiras, que vão, uma a uma, formando sua família escolhida.

E, por último, com a aceitação e aproximação de sua família de origem, esta passa a fazer parte de sua família escolhida, completando-a. Interessante notar que sua mãe, a princípio a pessoa de maior resistência à sua homossexualidade, hoje possui papel de destaque nesta nova família. E a reaproximação com a família de origem acrescenta esta à família escolhida: não a exclui ou divide, mas a abarca.

As transformações observadas nos relacionamentos de Isabela, para a formação desta família escolhida como configurada hoje, se dá através de um processo.

A literatura se refere à aceitação da própria homossexualidade pelo indivíduo homossexual e o sair do armário como partes de um processo, fato sem dúvida observado na vida de Isabela. Mas sobre a relação com a família de origem e construção de uma família escolhida como partes de um mesmo processo pouco se tem falado.

O que também fica claro neste estudo é a complexidade nas relações das mulheres homossexuais: com sua família de origem, ex-parceiras, e rede social. Manter amizade e intimidade com as ex-parceiras é algo que demanda tempo e cuidado, e parece ser uma referência social do grupo de iguais. Negociar a presença

desta com as novas parceiras tampouco aparece como algo natural e de fácil construção.

No Brasil, um país de cultura familiarista e católica e, talvez, pela relevância da família de origem, é difícil identificar um total rompimento quando da revelação da homossexualidade de um de seus membros, como se vê descrito nos trabalhos realizados com indivíduos homossexuais nos Estados Unidos e Canadá. Muitos indivíduos se afastam de suas famílias e mantêm segredo de sua orientação sexual, como citado no trabalho de Sant Anna (2002), ou ainda estabelecem uma relação formal, mais distante, como ficou evidente no relato de Isabela e no trabalho de Noda (2005). Isto se traduz no desafio de negociar a reaproximação ao longo do tempo e de articular a presença dos parceiros no relacionamento com a família de origem.

O presente estudo teve um caráter exploratório, muito pouco se sabe hoje sobre o tema em questão, e aqui o objetivo era ter uma visão ampla. O que pode ser observado foi a complexidade das relações que compõem a família escolhida das mulheres lésbicas, bem como sua importância.

Isabela vai construindo sua família escolhida no decorrer do tempo, iniciando-a com o afastamento de sua família de origem ao se assumir. As amigas e parceiras vão adquirindo funções e papéis antes exclusivos da família, mantidos ao longo do tempo e renegociados com a presença de novas parcerias românticas e amizades, assim como com a reconciliação com a família de origem após anos de afastamento.

A construção desta nova família, ao oferecer apoio, referência e cuidado, contribui para a desconstrução do conceito de família como ditado pela heteronormatividade. Também permite um novo conceito relacional mais flexível e

evolutivo, permitindo ao indivíduo viver sua homossexualidade junto a uma rede de apoio, já que o contexto em que se vive continua a oferecer constantes desafios, como a não legalização das relações e suas consequências.

Esta pesquisa aponta a presença e importância da família escolhida na vida das mulheres lésbicas. Indica ainda algumas características sobre a formação desta, entretanto, ainda falta muito por conhecer e compreender em relação a este fenômeno. Novas pesquisas se fazem necessárias, para que se possa ter maior conhecimento de como as famílias de origem se relacionam com os parceiros de seus filhos, como a população homossexual concebe esta rede familiar mais ampla, quais as especificidades e conflitos que fazem parte destas relações, apenas para citar algumas questões ainda em aberto.

REFERÊNCIAS

Referências

ADAM, B. D. **Theorizing homofobia.** *Sexualities*, 1998, 387 – 404.

ALMEIDA NETO, Luiz Melo de. **Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual.** Dissertação (doutorado, sociologia) – Universidade Federal de Brasília. 1999.

ALMEIDA NETO, Luiz Melo de. **Da diferença à igualdade: os direitos humanos em gays, lésbicas e travestis.** DISPONÍVEL em <http://www.dhnet.org.br/oficinas/goias/diferencaeigualdade.html>. Acesso em outubro de 2005.

ARIÈS, P. **Reflexões sobre a história da homossexualidade,** Revisto, v.1, 1983, p.74-89.

BADINTER, E. **Amor conquistado,** Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1985.

BROWN, L. S. **Subversive dialogues: theory in feminist therapy.** New York: Basic Books. 1994.

CARRARA, S. e RAMOS, S. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada Gay – Rio 2004, Rio de Janeiro, CEPESC. Realização: Centro Latino-americano em sexualidade e direitos humanos, Centro de Estudos de segurança e cidadania e Grupo arco-íris de conscientização homossexual. 2005.

CARTER, B. e MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2ª edição. Porto Alegre, Artes médicas. 2001.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro, Graal. 1983.

DA MATTA, R. A Família como valor: considerações não familiares sobre a família brasileira. Em Ângela, M. de A. et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo. 1987

DEMONTEFLORES, C. e SCHLUTZ, S. Coming out: Similarities and differences for lesbians and gay men. **Journal of Homosexuality**, 34, 1978, p. 59 – 72.

DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative Research.** California, SAGE Publications. 1994.

ESPINOZA, Y. La relación feminismo-lesbianismo en América Latina: una vinculación necesaria. Disponível em <http://www.mujeresenred.net>. Acesso em 17 de outubro de 2006. 2004.

FACCO, L. Entrevista com Lúcia Facco. DISPONÍVEL em <http://www.grupoumaseoutras.com.br/arquivos/asp/artigo/cultura.asp>. Acesso em 30 de outubro de 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Graal. 1988

FOX, R. C. Bisexual identities. Em D'Augelli, A. R. e Patterson, C. J. (ED) **Lesbian, gay and bisexual identities over the lifespan**, N. Y. Oxford Un. Press. 1995, p. 24 – 47.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4^a ed. São Paulo. Atlas. 2002.

GONSIOREK, J. Gay male identities: concepts and issues. Em D'Augelli, A. R. e Patterson, C. (eds) **Lesbian, gay and bisexual identities over the life span**, N. Y. Oxford Un. Press. 1995, p. 24 – 47.

GREEN, J. N. **Mais amor mais tesão: A construção de um movimento Brasileiro de gays, lésbicas e travestis.** DISPONÍVEL em <http://unicamp.br/pagu/cadernos15.html>. Acesso em 30 de outubro de 2005.

GREEN, R.J. Lesbian, gay men, and their parents: a critique of LaSala and the prevailing clinical “wisdom”. **Family Process**, 39 (2), 2000, 257 – 266.

GREEN, R-J, BETTINGER, M. e ZACHS, E. Are lesbians couples fused and gay male couples disengaged? Questioning gender straihgckets.. Em LAIRD, J. e GREEN R-J (eds). **Lesbian and gays in couples and families: a handbook for therapists**, CA., Josey – Bass. 1996, p. 185 – 230.

HANCOCK, A. K. Psychotherapy with lesbians and gay men. Em D'AUGELLI, A R. e PATTERSON, C. J. (Eds) **Lesbian, gay and bisexual identities over the lifespan**, N.Y.,Oxford Un. Press. 1995, p. 398 – 432.

HANCOCK, A. K. Gay, lesbian and bisexual lives: basic issues in psychotherapy training and practice. Em GREENE, B. e CROOM, G. **Education, research and**

practice in lesbian, gay, bisexual and transgendered psychology, N.Y. ,Sage Publications. 2000.

HART, J.; RICHARDSON, D. (Org). **Teoria e prática da homossexualidade**, Rio de Janeiro, Zahar. 1983.

KURDEK, A. e SCHIMITT, J. P. Perceived support from family and friends in members of homosexual, married, and heterosexual cohabiting couples. **Journal of homosexuality**, 14, 1987, p. 57 – 68.

LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós identitária para a educação, **Estudos Feministas**, 9 (2). 2001.

MARVIN, C. e MILLER, D. Os casais de lésbicas na entrada do século XXI. In Peggy Papp (org.) **Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas**. Porto Alegre, ArtMed editora. 2002.

MENCHER, J. "Intimacy in Lesbian relationships: A critical re-examination of fusion". Work in progress No. 42. Wellesley, MA: Wellesley College, Stone Center for Women's Development. 1990.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento**, Porto Alegre, Artmed editora. 1982.

NODA, F. **Famílias de mãe homossexuais: o relato das mães**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo. 2005.

OSÓRIO, L. C. **Casais e Famílias: uma visão contemporânea**, Porto Alegre Artmed Editora, 2002.

OSWALD, R. F.; BLUME, L.B. e MARKS, S.R. Decentering heteronormativity: a model for families studies. Em Vern L. BERGTON et all (eds). **Sourcebook of family theory and research**, NY, Sage Publications. 2005, p. 143-165.

RITTER, K.Y. e TERNDRUP, A.I. **Handbook of affirmative Psychotherapy with Lesbians and Gay men**. New York, Guilford Press. 2001.

RODRIGUES, H. **O amor entre iguais**. São Paulo, ed. Myhtos. 2004.

ROTH, Sallyann. Psychoterapy with lesbian Couples: Individual issues, Female socialization, and the Social Context. Em Mc GOLDRICK, M.; ANDERSON e WALSH. **Women in familie.** Nova York: Norton. 1991.

ROTHBLUM, E. D., MINTZ, B., COWAN, D.B. e HALLER, C. "Lesbian baby boomers at midlife". K. Jay (ed), **Dyke life: From growing up to growing old. A celebration of the lesbian experience**, New York, Basic Books. 1995, p. 61 – 76.

RYAN, C. Counseling lesbian, gay and bisexual youths. Em D'AUGELLI, A R. e PATTERSON, C. J. (Eds) **Lesbian, gay and bisexual identities and youth**, N.Y., Oxford Un. Press. 2001, p. 224-250.

SANT'ANNA, Marcio S. **A influência dos padrões sexuais e afetivos de gênero na construção dos relacionamentos do mesmo sexo: masculino.** 169 págs. Dissertação (mestrado, Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2002.

SARDÁ, A., GUINEA, R. e MORALES, V. **Lesbianas em América Latina: de la inexistencia a la visibilidad.** Disponível em <http://www.mujeresenred.net>. Acesso em 17 de outubro de 2006. 2005

SAVIN-WILLIANS, R. Self Labeling and disclosure among gay, lesbian and bisexual youth. Em LAIRD, J. e GREEN, R-J. (ED). **Lesbians and Gays in Couples and Families: A handbook for therapists**, CA. Jossey-Bass. 1996, p. 153-182.

SAVIN-WILLIANS, R. e DIAMOND, L. M. Sexual orientation. Em SILVERMAN, W. K. e OLLENDICK, T. H. **Developmental issues in the clinical treatment of children.** Boston, MA, USA, Allyn and Bacon. 1999, p. 241-258.

SCHALGER, N. **Gay and Lesbian Almanac**, Detroit, St James Press. 1998.

SCHNEIDER, M. Lesbian Gay and Bisexual Issue: Linking Theory, Research and Practice. Em SCHNEIDER, M. e HARPER, G. (EDS) Special **issue of American Journal of Community Psychology**, Vol. 31 (3/4). 2003.

SHAFFER, D. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência** . São Paulo, Thompson Learning. 2005.

SHUMSKY, E. "Transforming the ties that bind: Lesbians, lovers and chosen family". **Psychoanalysis and Psychotherapy**, 13, 1996, p. 187 – 195.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica**, São Paulo, Casa do Psicólogo. 1997.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V.R. **Amor, casamento, família, divórcio...e depois, segundo as crianças**, Summus editorial, São Paulo, SP. 2006.

SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**, Rio de Janeiro, Record. 1996.

STROMMEN, E. Hidden branches and growing pains: Homosexuality and the family tree. Em BOZETT, F. e SUSSMAN, M. (eds) **Homosexuality and family relations**, New York: Harrington Park Press. 1990, p. 9 – 34.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 5 edição, São Paulo, ed. Record. 2002.

VITALE, M. A. F. Laços Amorosos, Terapia de casal e Psicodrama, São Paulo, Editora Agora. 2004.

WEINSTOCK, J. S. "Lesbian Friendships at and beyond midlife: Patterns and Possibilities for the 21st Century". WEINSTOCK, J. S., e ROTHBLUM, E. D. (Eds.) **Lesbian ex-lovers: The really long-term relationships**, pp 177 – 209. Binghamton, NY: Harrington Park Press. (Simultaneously published as a special double issue of the *Journal of Lesbian Studies*, 8(3/4) 2004.) 2004a.

WEINSTOCK, J. S. e ROTHBLUM, E. D. (Eds), **Lesbian Frindships: for ourselves and each other**, New York, New York University Press. 1996.

WEINSTOCK, J. S. "Lesbian, Gay , Bisexual and transgender friendships in adulthood: Review and analysis". C.J. PATTERSON e D'AUGELLI (eds) **Lesbian, Gay and Bisexual identities in families: Psychological Perspectives**, New York, Oxford University Press. 1998, p. 122 – 153.

WEINSTOCK, J. S. Lesbian FLEX-ibility: Friend and/or Family conections Among Lesbian ex-Lovers. **Lesbian ex-lovers: The really long-term relationships**. Binghamton, NY: Harrington Park Press. (Simultaneously published as a special double issue of the *Journal of Lesbian Studies*, 8(3/4) 2004.) 2004b.

WEINSTOCK, J. S., e ROTHBLUM, E. D. (Eds.) **Lesbian ex-lovers: The really long-term relationships**. Binghamton, NY: Harrington Park Press. (Simultaneously published as a special double issue of the *Journal of Lesbian Studies*, 8(3/4) 2004.) 2004.